

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Felipe Luis Fachim

Narrativas sobre o (meu) corpo gordo:
Estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo – SP
2022



Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
Secretaria Acadêmica da Pós Graduação

Felipe Luis Fachim

Narrativas sobre o (meu) corpo gordo:
Estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Szymanski.

São Paulo

2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

E-mail: _____

Ficha catalográfica

BANCA EXAMINADORA

Dedico a presente tese às mais de 600.000 vítimas da pandemia mais recente que vivemos no país, sob a (in)gerência de um governo genocida e negacionista.

Também às inúmeras vítimas da dita “epidemia mundial”, que justifica a perseguição e aniquilação de nossos corpos gordos.

Mãe, pai, irmão, avó, Mazé e Luna – esta tese é para vocês também.

Aos meus alunos.

Em memória da Profa. Dra. Marli André, docente cuidadosa generosa, possibilitou o meu primeiro contato com o método autoetnográfico em educação.

Em memória de bell hooks (1952-2021). Obrigado por reapresentar o mestre Paulo Freire a uma geração cada vez mais avessa ao pensamento crítico, que acata as últimas modas metodológicas e teóricas sem se dar conta da lógica neoliberal de consumo inserida nesses processos.

A presente tese foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 88887.177409/2018-00.

AGRADECIMENTOS

À melhor orientadora, amiga e terceira mãe, Luciana Szymanski; e sua mãe, Heloísa Szymanski.

À melhor coorientadora extraoficial – e também amiga, Malu Jimenez.

Às professoras e ao professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, pelos ensinamentos durante os quase sete anos em que fiz parte do programa.

Às professoras da banca – Carla Garcia, Bárbara Cabral, Marcelle Silva, Malu Jimenez-Jimenez; e aos professores suplentes, Laiz Chohfi e João Pedro Perosa, pela solicitude, cuidado e generosidade.

Aos funcionários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, em especial o secretário Edson, por me salvarem nas horas de aperto burocrático.

Às amigas e colegas que dividiram o espaço de aula e orientação comigo.

A Leila Raposo, mestra em Letras e referência nos estudos do corpo gordo, pela preciosa revisão realizada.

Aos cuidados de uma vida oferecidos por Ana Kiyam, Laiz Chohfi e, mais recentemente, Carol Pergoraro.

Aos pacientes, supervisionandos e alunos que, de alguma forma, contribuíram para a reflexão apresentada nesta tese.

À Universidade Paulista – UNIP, em especial às Profas. Maria Cristina Pellini, Leliane Gliosce Moreira, Ghislaine Gliosce da Silva, Sílvia Ancona-Lopez, Rosana Moura, Ângela Piza e Renata Bernardelli; e às funcionárias Dani e Deise, pela confiança ao apostar em um novo docente e, também, pelo atendimento à solicitação de diminuição de carga horária com o propósito de finalização desta tese.

Às membras dos grupos de pesquisa Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Família e Comunidade - ECOFAM; Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) - Práticas Psicológicas Em Instituições: Atenção, Desconstrução E Invenção; e Grupo de Estudos Transdisciplinares do Corpo Gordo no Brasil – PESQUISA GORDA (@pesquisagorda), que me acolhem e incentivam a ser,

como dito por vocês mesmas, referência dentro do campo da psicologia no tema que estudo.

A Paula, Bia e Adriana, por fortalecerem minhas invenções metodológicas.

Por fim, reitero o agradecimento a todas as pessoas que, direta ou indiretamente contribuíram para a construção e finalização desta tese. A todas vocês, o meu muito obrigada!

FACHIM, Felipe Luis. **Narrativas sobre o (meu) corpo gordo**: Estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda. 2022. 100 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2022.

RESUMO

Narrativas sobre o (meu) corpo gordo é uma pesquisa que parte da seguinte questão-bússola: como a experiência de ser gordo, sistematizada pelos estudos do corpo gordo, pode contribuir para a construção de um saber psicológico protagonizado pela e sobre a população gorda? Por meio de método autoetnográfico, de inspiração fenomenológica e hermenêutica associada aos estudos de gênero e aos estudos do corpo gordo, navegamos pelo mar adiposo rumo a uma contribuição para o campo da psicologia. Psicologia Gorda é uma proposta de inauguração de um território de estudos, embasado nas epistemologias gordas, cujas características principais têm por aporte possibilitar a promoção de um olhar positivado para as experiências de vida das corporalidades gordas, por um viés antigordofóbico; e, igualmente, criticar a tradição dos saberes em psicologia que contribuíram para a construção da noção de patologização do corpo gordo.

Palavras-chave: Gordofobia. Estudos do Corpo Gordo. Psicologia. Epistemologias Gordas. Fenomenologia Hermenêutica. Estudos de Gênero. Movimento antigordofóbico.

FACHIM, Felipe Luis. **Narratives about (my) fat body**: an autoethnographic study towards a fat psychology. 2022. 100 p. Thesis (PHD). Graduate Program in Education: Educational Psychology, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2022.

ABSTRACT

Narratives about (my) fat body is a research that starts from the following compass question: how can the experience of being fat, systematized by fat studies, contribute to the construction of psychological knowledge carried out by and about the fat population? Through an autoethnographic method of phenomenological and hermeneutical inspiration associated with gender studies and fat studies, we sailed through the adipose sea towards a contribution to the field of psychology. Fat Psychology is a proposal to inaugurate a territory of studies, based on fat epistemologies, whose main characteristic is to criticize the tradition of knowledge in psychology that contributed to the construction of the notion of the fat body as a disease and to propose a positive look at life experiences of the Fat Body.

Keywords: Fatphobia. Fat Body Studies. Psychology. Fat Epistemologies. Hermeneutic Phenomenology. Gender Studies. Antifatphobia movement.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA	American Pschycological Association
BBB	Big Brother Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECOFAM	Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Família e Comunidade
EUA	Estados Unidos da América
GT	Grupo de Trabalho
PESQUISA GORDA	Grupo de Estudos Transdisciplinares do Corpo Gordo no Brasil
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	PRIMEIRA TENTATIVA: FRAGMENTOS DE UM EMISSOR (DES)CARACTERIZADO.....	13
2	SEGUNDA TENTATIVA: O TAL DO IMPOSTOR.....	17
3	TERCEIRA TENTATIVA: MEU CALDEIRÃO GORDO DE TRÊS DÉCADAS.....	18
4	DO QUE É FEITO ESSE VÔMITO? UMA TENTATIVA DE METODOLOGIA.....	23
4.1	AUTOETNOGRAFIA DO CORPO GORDO EM DEBATE.....	24
4.2	QUESTÃO BÚSSOLA: HERMENÊUTICA COMPREENSIVA NO HORIZONTE DE UMA HISTORIOBIOGRAFIA AUTOETNOGRAFADA	26
4.3	ASPECTOS BUROCRÁTICOS E DISCUSSÕES ÉTICAS.....	31
5	DE QUAL PANDEMIA ESTAMOS FALANDO? A PROBLEMÁTICA DO CORPO GORDO: DO MUNDO AO BRASIL.....	34
5.1	OBESIDADE: A CONSTRUÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	35
5.2	DO ESTIGMA SOBRE O OBESO AO CONCEITO DE GORDOFOBIA: DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS.....	44
6	PANORAMA DOS ESTUDOS DO CORPO GORDO: AQUELE CAPÍTULO OBRIGATÓRIO DE REVISÃO.....	49
7	RUMO A UMA PSICOLOGIA GORDA: CLÍNICA DO CORPO GORDO	52
7.1	A DISCUSSÃO SOBRE CORPO OBESO NA PSICOLOGIA: HERANÇA DE UMA TRADIÇÃO.....	53
7.2	REFORMULAÇÃO DA NOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL EM PSICOLOGIA.....	57
7.3	PELA DESTRUÇÃO DA ILUSÃO CHAMADA DE AUTOESTIMA.....	60

7.4	(DES)AUTORIZAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA.....	62
8	MAS, AFINAL, O QUE É PSICOLOGIA GORDA?.....	64
8.1	NOÇÃO DE SOFRIMENTO NO CORPO GORDO.....	65
8.2	FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA GORDA.....	67
8.3	POSSIBILIDADES DE ESTUDOS EM PSICOLOGIA GORDA.....	70
	QUARTA TENTATIVA: DE VOLTA AO MEU CORPO GORDO.....	71
	REFERÊNCIAS.....	76

1 PRIMEIRA TENTATIVA: FRAGMENTOS DE UM EMISSOR (DES)CARACTERIZADO

Hoje é possível dizer que o mundo inteiro é um ‘espaço em crise’. Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças de maneira obviamente bastante distinta [...]. A leitura pode garantir forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa? (PETIT, 2021, p. 20-21).

Caro leitor¹,

Olá! Tudo bem? Você sabe que eu passei a pensar em você recentemente? Quer dizer, você sempre esteve aqui. Já o movimento de te expor publicamente é recente... E ganhou força depois de ter lido um livro (MACHADO; CARDOSO, 2021). Uma amiga da época de escola sempre achava graça no fato de eu falar sozinho. Conversar comigo mesmo. Vai ver tem um diagnóstico para isso.

Hoje é dia 04 de janeiro de 2022. Tá rolando uma audiência pública na câmara dos deputados sobre a vacinação contra a COVID-19 em crianças de cinco a onze anos. Pois é... Parece que podemos inclusive participar mandando perguntas por *WhatsApp*. Você acredita que tem gente a essa altura do campeonato contrária à vacinação? E quando se fala de criança, então, o argumento dessa *gente de bem* é o mesmo desde sempre. “Temos que proteger nossas crianças!!!”; “Nossas crianças não podem ser experimentos!!!”

Ora, proteger do quê? Do que é feito esse medo? O medo dos fantasmas que faz ou fez com que essas pessoas apoiassem a ditadura civil-militar? Que escolhessem um presidente genocida, negacionista, despreparado e com

¹ Aposto que você, leitor, criticar-me-á por inserir uma nota de rodapé na segunda palavra da abertura da tese. Entenda que você é responsável pela existência desta nota de rodapé. Te trato pelo pronome masculino, porque te conheço muito bem. Você faz parte de mim e eu me identifico como homem cis. Às diversas pessoas que lerão a tese: suas existências importam e eu uso este espaço para explicar o motivo da não inserção de uma escrita inclusiva.

prioridades pessoais acima do coletivo? Medo dessa gente que vai acabar com a pureza das crianças. Essa gente “desestruturada”, “traumatizada”, “diferente”, que quer impor suas pautas criando uma “nova” ditadura!

Você sabia que uma vidente famosa da televisão falou que em 2022: “MINORIA VAI VIRAR MAIORIA!” (assim, em letras maiúsculas que em linguagem de internet, significa que a pessoa estava gritando)? Meu primo, policial aposentado, é radicalmente contrário à vacina. Ele frequenta um guru lá na Vila Mariana que diagnostica pela foto da pessoa. O guru viu quando ele pegou COVID e percebeu na mesma hora os problemas gástricos na irmã dele. Bastou mandar uma foto dela de biquíni. Tá passada?

Um rapaz que se apresenta como cientista na tal comissão supracitada afirma: “Criança é *buffer!*”; “Tem aqui um *paper* que questiona a eficácia da vacina da *Pfizer*.”; “Aqui estão as autópsias mostrando a verdade.”; “Leva para a casa!”; “Nossas crianças não podem ser experimentos!!!!” Ele parece estar bastante emocionado. Me lembra a emoção da vidente da TV. Ele segue falando: “Eu faço parte da PANDA! Associação de doutores pela verdade!”. Pensei em um vídeo que me mandaram de um panda espirrando. Recomendo, inclusive. Ele continua até ser silenciado, pois extrapolou seu tempo de fala: “A internet cancela a gente, mas não nos calaremos!”

Outro cientista passou uns 10 minutos de fala se questionando se a apresentação dele estava aparecendo. *Spoiler*: ele fez a fala sem apresentação, porque ela nunca apareceu. Ri muito.

Pensei que estou há dois anos fechado em casa, me relacionando com pessoas na mediação de um celular. Reflito sobre minha prática: a tela do meu computador fica ligada a 130, 180, 800 pessoas e eu tenho que ensinar os quadrados. Tô travado? Será que eu cáí? Aparece em uma tela de chat: “Prof, minha internet não está boa. Repete!”; “Repete, repete, repete, repete.” E lá vou eu “fenomenologia blá blá blá...o chinelo fenomenológico... blá blá blá...”. “Prof, não posso participar da aula. Estou tomando banho.”. “Como assim eu zerei a minha prova por plágio? Não concordo! Abrirei um processo contra o senhor. Passar bem!”

Esteve frio em dezembro no Brasil. Passei o Natal e o ano novo de calça e blusa. Também tem muitas chuvas. Muitas. Pessoas na Bahia perderam tudo. Escutei que Minas Gerais está em situação catastrófica também. O presidente está andando de jet-ski. Acredita? Imagina a quantidade de “cientista social” em busca de *like* comparando com aquela cena do filme: “O Parasita”. Aquela lá da chuva que limpa. Limpa... limpa... limpa tudo! Limpa todo o ódio coletivo, limpa! Esse meme foi tudo. Saudades, BBB (Big Brother Brasil, não o de Orwell). Será que o desse ano vai superar o anterior? Spoiler: não foi. A edição atual me lembrou muito, inclusive, das eleições de 2018. Fake News e sistemas de robôs produzindo a eleição de um genocida.

Subiu um comentário na transmissão da comissão: “EXPERIMENTAÇÃO SATÂNICA!”. O Faustão foi pra Band! Pois é! A *plimplim* cortou o cara sem ao menos deixá-lo se despedir! A Sônia Abrão ficou meses criticando essa atitude da rede de televisão! Mas acho que isso não vai edificar nossa relação, não é mesmo? Ou talvez sim...

“Vacina nas crianças experimentais, nãp!!!1111”

Você sabia que me...

QUEM VACINAR SUAS CRIANÇAS SABENDO QUE ESSAS PICADAS MATA, VAO CHORAR LÁGRIMAS DE SANGUE”

Pera, deixa eu desligar a transmissão. Não tá rolando....

E a Pablo Vittar, que falou em entrevista que está esperando pelo retorno do presidente dela? E ainda disse que quer cantar na cerimônia, quando ele for eleito. E o melhor de tudo é que não é *Fake News*! Quer dizer, do nosso presidente! Saudades. Passa tempo, passa logo. Pera, não passa! Tô cheio de prazo para cumprir! Ai meu Deus... Uma aluna que entende de física me disse que fisicamente a Terra está girando mais rapidamente e, portanto, o tempo está

fisicamente passando mais rápido. É verdade! Ela me mostrou os artigos todos, tudo muito rigorosamente científico.

Olha, chegou a minha vez de bancar o “cientista social”. Tem uma peça de um dramaturgo Alemão – Heiner Müller –, *Medeamaterial*. Meu, ela explica muiiiitooooo o que estamos vivendooooooo.

O vômito dos ternos domingueiros Canos de esgoto
 Expelindo crianças em levas contra o avanço dos vermes
 Aguardente é barata
 As crianças mijam nas garrafas vazias
 Sonho de um monstruoso
 Coito em Chicago
 Mulheres lambuzadas de sangue
 Nos necrotérios. (MÜLLER, 1993, p. 13-14).

E olha essa publi que a Tina fez!

https://www.instagram.com/reel/CWogPrVjobr/?utm_source=ig_web_copy_link

Não é a nossa cara? Ela postou uma música de final de ano muito boa também. Olha esse refrão: “Desempregados e abandonados e sem transar. Sem transar. Recebendo pouco. Tudo tá tão caro. Quero me drogar. Me drogar.” Só eu vi a inspiração na Rachel Bloom? Amo! Sabe a série *Crazy Ex-Grilfriend*? Então, é dela. Maravilhosa. Tipo um *Fleabag* para quem gosta de musical.

Aliás, você viu que não tem gente gorda nos vídeos dela? Gorda? Meu tema!! Tô procrastinando chega!

Deve ser difícil viver sempre no meio dessa aceleração. Fica tranquilo que eu estou medicado. Remédio para dormir. Remédio para acordar. Remédio para estudar. Remédio para emagrecer.

2 SEGUNDA TENTATIVA: O TAL DO IMPOSTOR

Caro leitor,

Olá, tudo bem? Apresento para você, meu impostor: na força do ódio, a minha tese! Prometo que responderei a todas as suas perguntas construtivas. Afinal, eu sou uma referência no tema dentro campo da psicologia! Eu sou? Vish...

3 TERCEIRA TENTATIVA: MEU CALDEIRÃO GORDO DE TRÊS DÉCADAS

Cem. Um dia, ao me pesar, me deparo com esse número. Cheguei na centena, pensei. Preciso de mais uma coluna para escrever esse número. A balança do meu banheiro era daquelas antigas, compradas em farmácia. Parecia um degrau que você pisava e lá embaixo mesmo uma roleta girava até chegar num número. Só que a roleta só chegava ao 99. Após isso, ela retornava ao zero. O primeiro pensamento que veio foi “mas nem na balança você cabe! Onde mais você vai caber?” Aliás, o verbo caber costuma acompanhar muito a vida de pessoas como eu.

A narrativa acima é apenas uma das inúmeras cenas que me recordo ter vivido. Afinal, desde quando me conheço por gente, sou gordo. Às vezes maior, às vezes menor, mas sempre gordo. Ou pelo menos foi assim que fui me reconhecendo. Os indícios apontavam sempre nessa direção. Seja pelos apelidos da infância, seja pela família, seja pelos inúmeros profissionais da saúde que me “examinaram”, seja pelas cadeiras desconfortáveis, portas, entradas e box de chuveiros, seja pelas roupas na loja em exposição, seja pelos relacionamentos afetivo-sexuais e assim segue.

Ainda bem que não sou “só” gordo. Também desenvolvo uma trajetória profissional alinhada à ideia de justiça social. Todos os espaços profissionais que ocupei foram pautados por essa noção. Assim, me formei como arte-educador. Depois, como psicólogo. Entrei para o mestrado, defendi uma dissertação de temática relacionada às discussões sobre gênero e sexualidade, sobretudo direcionada à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. E agora me lanço no doutorado dentro da seguinte configuração profissional: psicólogo, psicoterapeuta e professor universitário. Agora eu cuido de gente. Eu educo gente para cuidar de gente. Será que, com todas essas conquistas, as pessoas se esqueceriam que sou gordo? Ops, será que essa minha fala de agorinha indica que, na realidade, ser gordo é visto como um fracasso?

Tem como se esquecer de algo que está no seu rosto? No seu corpo? Marcado em todas as suas expressões? Assim como não se esquecem que sou gay, jamais se esquecerão que sou gordo. E, novamente, da mesma forma que

me marcaram as experiências vividas, devido à minha sexualidade, aquelas que se constituíram a partir do meu corpo vão fervendo a ponto de precisarem aparecer. Agora, elas aparecerão nesta tese. Esse será o meu tema. Ser arte-educador, psicólogo, cuidador, formador de cuidadores e gordo.

Entretanto, não se trata de algo tão simples assim. Ainda mais, no atual momento em que a “minha saúde” se encontra. O retorno do meu exame de sangue, feito em 18/02/2021, aponta para a ideia de que eu preciso emagrecer. Segundo minha médica, meu fígado está com dificuldade na produção de insulina, devido ao meu peso. Diagnóstico? Síndrome metabólica consequência de obesidade grau III ou obesidade mórbida.

Dosagem sérica de
Colesterol 250 mg/dL

Material: Soro

Dosagem sérica de
Colesterol HDL 35 mg/dL

Material: Soro

Método: Colorimétrico – Enzimático

Colesterol NAO HDL

Material: Soro

Método: Calculado

Resultado 215 mg/dL

Valor calculado de
Colesterol LDL 164 mg/dL

Valor calculado de
Colesterol VLDL 51 mg/dL

Dosagem sérica de
Triglicérides 254 mg/dL

Material: Soro

Método: Colorimétrico – Peroxidase

Dosagem sérica de TGO/AST

Transaminase Glutâmico Oxalacética 42 U/L

Material: Soro

Método: Cinético – IFCC

Dosagem sérica de

TGP/ALT Transaminase Glutâmico Pirúvica 122 U/L

Material: Soro

Método: Cinético – IFCC

Dosagem sérica de

GGT - Gama Glutamil Transferase 70 U/L

Material: Soro

Método: Cinético - SZASZ²

E agora? O que eu faço? É possível construir uma imagem potente do ser-gordo, mesmo precisando emagrecer? E como emagrecer? Afinal, são trinta anos nessa luta. Já tomei remédios, fiz dietas malucas e não malucas, viciei e desviciei em academia, já tentei não comer, tentei pular refeições, além dos mais diversos “truques” não tão nobres. A tentativa do momento, segundo minha médica: injeções de hormônio da saciedade – Ozempic^{®3}. Além do preço altíssimo desse produto na farmácia, há também o fato nada agradável de eu ter que aplicar na minha barriga uma injeção diariamente. Simbólico que seja bem na barriga...

Com o intuito de compreender a problemática do ser-gordo-no-mundo, me lanço no desafio de escrever esta tese, a qual está situada no campo da psicologia da educação. A partir desse campo de atuação e observação, pretendo investigar: **como a experiência de ser gordo, sistematizada pelos estudos do**

² Informações extraídas de exame metabólico particular – próprio – realizado no dia 18/02/2021.

³ Este relato contempla meu tratamento particular, feito com acompanhamento médico. Lembro o leitor que tomar medicação sem prescrição médica pode ser perigoso para a saúde e em hipótese alguma incentivado.

corpo gordo, pode contribuir para a construção de um saber psicológico protagonizado pela e sobre a população gorda? Construo, portanto, uma reflexão que parte da minha experiência pessoal, acadêmica e profissional como pessoa gorda para dar luz a um saber sobre a gordura que caminha na contramão do que há na tradição científico-natural – gordura como doença e aquilo que deve ser eliminado.

Leitor do céu! Você se surpreenderá com minha memória de elefante!

Para tal, pretendo revisitar os saberes da psicologia como ciência e profissão, no que concerne à temática supracitada, com ênfase no referencial da fenomenologia existencial. Acredito que minha profissão possa contribuir com o acolhimento, cuidado e fortalecimento das experiências gordas. Desse modo, frente ao exercício de escrita que parte também das minhas vivências, ressalto que o título escolhido para esta tese – Narrativas sobre o (meu) corpo gordo: estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda – é inspirado e parafraseado no/do livro de Gay (2017).

Frente a esse contexto, a justificativa para este estudo está, primeiro, apoiada em uma demanda social, concernente ao cuidado psicológico antigordofóbico; segundo, no caráter inédito proposto nesta pesquisa, dado que emerge de uma epistemologia gorda alinhada à psicologia, a fim de constituir o que denomino psicologia gorda. Atualmente, há poucos estudos em psicologia sobre o corpo gordo, na perspectiva que defendo aqui, o que reitera a justificativa para minha proposição e o ineditismo. Tais estudos, ainda de caráter quase exploratório, pretendem investigar os efeitos psicológicos da violência sofrida por pessoas gordas, ou, ainda, construir uma ideia de cuidado psicológico para a pessoa gorda.

Entretanto, devido às limitações apresentadas nessas pesquisas, percebo que é necessário caminhar mais, no sentido de construir um conhecimento em psicologia que emerge do protagonismo gordo. Por protagonismo, entendo o agenciamento realizado pela pessoa gorda, no sentido de contribuir de modo antigordofóbico em favor do cuidado psicológico e emocional para com as pessoas gordas – daí a afirmativa de que é por e sobre essas pessoas. Defendo essa visão com o intuito de contribuir com a destruição de uma violência

sistemática e institucional produzida a partir de uma ideia de saúde atrelada ao desenvolvimento da ciência moderna e higienista contra pessoas gordas.

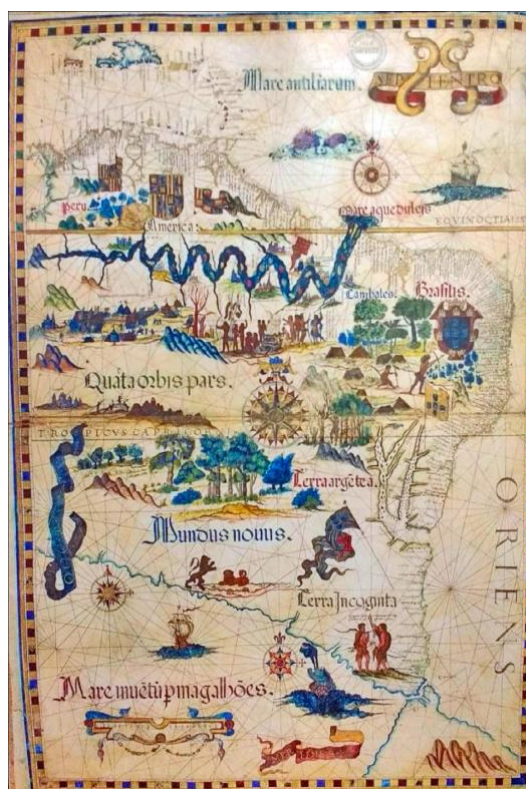
Dado o contexto de aumento populacional de pessoas gordas, o atendimento adequado e humanizado a essas pessoas faz-se cada vez mais urgente. Daí a necessidade de implementação de uma psicologia gorda, que acolha esse público, ao invés de rechaçá-lo, e possa apresentar possibilidades de vivências outras, que não sejam aquelas que apontem o emagrecimento como único caminho possível.

Todavia, dentre todos os motivos possíveis para justificar esta pesquisa, prefiro, ainda assim, justificá-la pelo fato de que eu vivo como pessoa gorda em um mundo gordofóbico há 30 anos – e, como tal, experiencio os efeitos da estigmatização social em torno dos corpos gordos. Esse mundo me fez engolir a ideia de que meu corpo é feio, sujo, cheio de marcas, asqueroso, doente e incapaz. E agora, inclusive, tenho que me picar na barriga toda semana, produzindo assim enjoos fortíssimos para não comer, uma vez que emagrecer é o tratamento indicado para a reversão do quadro clínico que me encontro, ainda que eu saiba que muito dessa visão médica está pautada no higienismo social e na ideia de utilidade/inutilidade dos corpos, alinhado aos paradigmas corporais vigentes. Acho que já passou da hora de vomitar.

4 DO QUE É FEITO ESSE VÔMITO? UMA TENTATIVA DE METODOLOGIA

Barriga é uma parte do corpo escondida pela maior parte das pessoas. Trata-se de um tabu. Poucas são as barrigas “dignas” de exposição, *selfie*, capa de revista, desenhos e demais representações. Minha barriga é um esconderijo. Marcas, histórias, cicatrizes, explosões são pistas de um caminho tortuoso. Cheio de monstros. Meu mar é meu tecido adiposo. É nela que quero navegar. Construir um desenho possível. Um desenho que se preocupa em cartografar, como os primeiros mapas das expansões marítimas rumo às Índias (figura 1).

Figura 1 – Mapa da América.



Fonte: Souto (2017).

Não se trata de, para cartografar o que vejo em mim nos mares que sou, construir uma representação realista e mensurável. Desta já estou cheio e já foi feita por todos os médicos que passei. Aliás, supostamente realista por parte dos médicos, se considerarmos a visão gordofóbica que os conduz e não uma perspectiva do cuidado humanizado. Fui em busca, desse modo, de outros instrumentos e objetivos. A partir daí, os materiais utilizados para construir esse

mapa foram os seguintes procedimentos em pesquisa qualitativa: autoetnografia e questão bússola.

4.1 AUTOETNOGRAFIA DO CORPO GORDO EM DEBATE

A primeira vez que me deparei com o método autoetnográfico foi em uma disciplina do doutorado sobre metodologias qualitativas em educação, ministrada pela Profa. Dra. Marli André, no início de 2018. O primeiro pensamento que aparece para mim e pode, inclusive, ter aparecido para você, leitor desta tese, é: “Onde já se viu? Agora meu diário pessoal é material de pesquisa? Em um meio cheio de egocentros como o da academia, é óbvio que inventariam um negócio desses.” Nessa época, eu pesquisava outro tema e, conseqüentemente, tinha construído outro desenho de pesquisa.

A partir do momento que meu caldeirão gordo começou a esquentar, na medida em que ele era alimentado pelas violências sofridas no/por meu corpo gordo, o vômito foi se constituindo. Paguei a língua e outro sentido para a autoetnografia apareceu: “É possível pesquisar um tema tão implicado em mim sem me considerar como objeto de estudo?”. Ou, ainda, “como construir uma pesquisa relacionada a esse tema ignorando minhas vivências, se, a partir delas, posso trazer discussões ainda não evidenciadas academicamente sobre essa temática?”

Comecei a construir respostas sobre essa polêmica no meu mestrado (FACHIM, 2017). Lá apresentei duas possibilidades epistemológicas de superação da polêmica. A primeira é a apresentação do paradigma fenomenológico existencial e hermenêutico de pesquisa, que, posteriormente, foi mais bem elaborado (SZYMANSKI; FACHIM, 2019; SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM; 2019). A segunda é a construção epistemológica sobre gênero e sexualidade feita pelas feministas acadêmicas (BUTLER, 2017; GARCIA, 2007; 2017a, 2017b).

Dou destaque nesta tese à obra *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (BUTLER, 2017). Nela, a autora, apesar do uso de filósofos distintos dos elencados por mim, resgata a noção de si mesmo como possibilidade de denúncia

da violência moral desse sujeito-desconformado-da-norma e o método que ela menciona é o relato. A narrativa de si. Já nesta tese, também utilizando a perspectiva do relato de si, desnudando um eu neste processo de pesquisa, me encontro com a proposta autoetnográfica como terceira possibilidade metodológica de superação da polêmica. Evidentemente, minha atitude como pesquisador perpassa todas as respostas que consegui elaborar e aqui expus para comunicar a você, querido leitor, que eu sou meu objeto de investigação e minha pesquisa é válida.

Aliás, há uma tradição de pesquisa em primeira pessoa sobre temas que envolvem Direitos Humanos, vulnerabilidade e estigmas. A Professora Doutora Lígia Assumpção Amaral, do Departamento da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, foi a primeira a propor essa atitude nos estudos sobre deficiências e acessibilidades. Assim, inaugurou uma prática que segue. A saber, trago o exemplo de Mello (2019) e Gama (2020). Há também a tradição de pesquisa em primeira pessoa nos Programas de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Dentre os estudos aí apresentados, dou destaque aos esforços do Prof. Dr. Joel Martins.

Quando analisamos as produções recentes sobre corpo gordo, também encontramos nas produções científicas, artístico-culturais e ativistas a narrativa na primeira pessoa do singular. Seguem exemplos de comunicações de pesquisas fora dos muros da Universidade e/ou expressões artísticas/literárias, como a de Gay (2017; 2014); Figueiredo (2016); Navie e Lainé (2019); Raposo (2020); Moreno (2018); e Altheia (2019). Já dentro desses muros, cito os estudos de: Anderson (2012); Bacon e Aphramor (2014); Barros (2017); Castillo (2014); Chrisler (2017); Cooper (2016; 2012; 2010); Fuller (2018); Jimenez-Jimenez (2021); Jimenez-Jimenez e Da Silva (2021); Jimenez-Jimenez e Santos (2021); Orbach (2010); Rangel (2018); Rodriguez, Montalbetti e Schmitt (2021); e Arruda (2021).

Diante dessa exposição de exemplos, dou destaque a duas obras derivadas da pesquisa de doutoramento de Jimenez-Jimenez (2021) e de Arruda (2021). A primeira se autointitula pesquisadora ativista. Também destaca o poder transformador de uma pesquisa implicada com a superação de desigualdades

sociais, o que denomina por pesquisa afectada. Ao mesmo tempo, apresenta a sua história como mulher, gorda e “[...] princesa, que não é magra, salva a si mesma, transforma-se em bruxa e não morre queimada” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2021, p. 36). Igualmente, evidencia em seu texto a experiência compartilhada com outras mulheres gordas em diversos contextos.

Já a segunda produziu uma pesquisa que se desenvolve no campo da comunicação, relacionada à representação de mulheres gordas nas mídias sociais. Arruda (2021, p. 93) assim justifica o uso da autoetnografia:

Busca-se então um meio alternativo de produção de conhecimento, integrando questões técnicas, teóricas e metodológicas a fim de construir um novo olhar sobre o objeto de pesquisa para que possa, de fato, servir a quem mais precisa dessas informações, ainda no processo de contraposição do discurso dos meios hegemônicos. Assim, e em busca de uma metodologia que não apenas fizesse uso da autorreflexão no contexto acadêmico, como também colocasse em discussão a representatividade da pessoa gorda e de suas temáticas nesse contexto, optou-se por trabalhar, em um primeiro momento, com a autoetnografia, a partir da técnica de narrativas autobiográficas.

Considero, dessa forma, o surgimento de um modo de se fazer pesquisa sobre o corpo gordo, por corpos gordos de mulheres e penso: “Minha vez!”.

4.2 QUESTÃO BÚSSOLA: HERMENÊUTICA COMPREENSIVA NO HORIZONTE DE UMA HISTORIOBIOGRAFIA AUTOETNOGRAFADA

Ainda sobre as respostas para a tal pergunta: “pode isso? Pesquisa na primeira pessoa do singular?”, apresento para você, leitor, a questão bússola como representante de uma tradição de tornar-se pesquisa de si. Vamos por partes:

Primeiro, preciso apresentar um grupo de pesquisa com mais de vinte anos de existência: o Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, nomeado (até o momento) Práticas Psicológicas em instituições: atenção, desconstrução e invenção.

O Grupo de Trabalho foi criado em 1994 para discutir a relação entre teoria e prática. A partir de 1998, concentrou sua produção nas pesquisas participantes e interventivas, focalizando as práticas psicológicas em instituições públicas e privadas de educação e saúde, tendo como fundamento teórico-metodológico a fenomenologia existencial e a fenomenologia em diferentes vertentes (SCHMIDT; BARRETO, 2016, p. 1).

Passaram por esse Grupo de Trabalho – GT professoras de diferentes instituições de várias regiões do país e seus respectivos grupos de pesquisa. A saber: “Grupos de Pesquisa do Diretório do CNPq, como “Aprendizagem significativa na formação de profissionais de saúde e educação” (USP), “Psicologia Clínica” (UNICAP), “Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Comunidade e Família – ECOFAM” (PUCSP), “Psicoterapia, fenomenologia e sociedade” (UFC).”

Entre 1994 e 2022, ocorreram mudanças na composição do grupo e reformulações no que diz respeito aos objetivos e à proposta desse GT. Ainda assim, há uma atitude revolucionária com relação à vida, no que concerne à investigação e atuação da profissional de psicologia e outras áreas. Tal atitude tem origem filosófica e epistemológica no pensamento fenomenológico existencial e hermenêutico.

A centralidade na fenomenologia possibilitou que as passageiras desse grupo – alunas de Iniciação Científica, de Mestrado, de Doutorado, Pós-doutorado, docentes, ex-docentes, pesquisadoras afins... – pudessem criar um modo-de-ser-pesquisadora que combinasse as experiências de um corpo que vive junto ao seu território. Ou, de outro modo, um caldeirão gordo que vive e é seu próprio território, como no caso da metáfora que escolhi nesta tese, com o ato de pesquisar.

Esse corpo vivente e acontecente do GT, por sua vez, carrega também autores fora da caixa epistemológica da fenomenologia que engrossam o caldo do caldeirão gordo. Alguns exemplos de autores que transitam são: “[...] Jean-Paul Sartre, Hannah Arendt, Michel Henry, Enrique Pichón-Riviére, Franco Basaglia.” (SCHMIDT; BARRETO, 2016, p. 3). Diante dessa imensa mistura, inspirada no Arlequino de Michel Serres (ou da maneira como ele me foi apresentado pela Profa. Dra. Henriette Morato), vemos inúmeros exemplos de caldos, como: Cabral e Morato (2013), Critelli (2015), Schmidt (2019) e Szymanski e Fachim (2019)

Elejo três narrativas, apresentadas a seguir, com o propósito de embasar a minha metodologia e me autorizar cada vez mais e mais a responder com fôlego às provocações que imagino estejam sendo feitas por você, estimado leitor. A primeira é o capítulo de Schimdt (2019). Aqui, a autora apresenta a etnografia e a associa à tradição fenomenológica via Merleau-Ponty. Após uma análise criteriosa e crítica dos principais autores representantes desse método de pesquisa em Antropologia, a pesquisadora destaca a consideração de aspectos que historicamente foram limpos do ato de pesquisar em nome de uma ilusão racional e objetiva. Ilusão esta que justifica até hoje diversas violências materiais e simbólicas a populações que divergem desse modo-de-ser-racional. Menos ansiedade, leitor! Conversaremos sobre isso mais à frente.

A escrita etnográfica pode ser inspiradora como exercício de autorreflexão e diálogo com outros(as) que, sem cessar, aposta no valor do 'alargamento da razão'. Para o segundo talvez não se possa mais do que recomendar a experimentação da própria linguagem e da linguagem em contato íntimo com modos de fazer pesquisa (metodologias), com objetos (assuntos temas ou fenômenos) e com participantes. As sensibilidades compõem como constitutivas e não como ornamentos ou acessórios da escrita; as formas inventadas de dizer ou de dar passagem aos acontecimentos da pesquisa, por sua vez, procuram fazer jus àquilo mesmo que os constitui como matéria viva. (SCHMIDT, 2019, p. 46).

A segunda experiência que elejo é a de Critelli (2015). Com o neologismo conceitual historiobiografia, a filósofa sistematiza um método “[...] de caráter pedagógico-terapêutico [...]” (p. 5), que fortalece novamente minha atitude de pesquisador-investigador de minha própria história.

A historiobiografia se apoia e se fundamenta na atividade do pensar que se dá como compreensão. A filosofia com sua estrutura flexiva e seu repertório são para ela recursos fundamentais, mas recursos e não fins. Mesmo assim, para a historiobiografia, a filosofia é um pano de fundo principal, o primeiro entre todos os saberes disponíveis, como os que vêm da psicologia, da educação, da política etc. A prioridade da filosofia, para a historiobiografia, está na proximidade da mesma que há entre o filosofar (o pensamento propriamente dito) e a compreensão, pois o ponto de partida é sempre a necessidade humana de esclarecimento do que é e daquilo que os homens se defrontam para poder dar conta da existência. Ainda que com os objetivos diferenciados, filosofia e compreensão são atividades do

pensar que estão no encaixe do sentido de tudo o que é, perseguindo o rastro de significação da existência e de tudo que dela faz parte. (CRITELLI, 2015, p. 29-30).

Por fim, chegamos na Questão-Bússola (CABRAL; MORATO, 2013). Neste caso, dou destaque a quatro momentos da narrativa apresentada pelas autoras durante o texto. Primeiro, em que identifico a pessoa que pesquisa permeada pelos pressupostos que discorri até aqui.

Encarar e reconhecer a mobilização produzida em nós por algo que nos escapa à compreensão é a atitude básica de quem, além de ser espectador da vida, assume o desafio de dela se fazer participante, acolhendo a possibilidade, característica da condição humana, de tecer sentido, de fabricar conhecimento. Ao aceitar essa condição de artesão de sentido, de fabricar conhecimento e de vida, o ser humano passa a se nutrir de seus questionamentos, de suas inquietações, de seu desalojamento diante do ineditismo ou imprevisibilidade da existência, para produzir-se por ato transformador, ou seja, por em ação sua capacidade de criar. (CABRAL; MORATO, 2013, p. 160).

Segundo, alguns passos para quem se aventura nessa história. Quero te lembrar, estimado leitor, que tais passos jamais servirão como instrumento de pesquisa que aprisiona.

- O pesquisador precisa tentar se aproximar dos seus conhecimentos prévios em relação ao problema em questão, exercitando um auto esclarecimento. – o problema em questão sempre está em uma trama, um contexto, uma teia de nexos, construída por todos os envolvidos;
- O pesquisador precisa tentar compreender os nexos (como sentido), atentando também ao que está velado;
- É importante que haja um registro das impressões, inclusive das sensações e sentimentos do pesquisador durante todas as fases da pesquisa;
- os sujeitos são interlocutores, sendo importante que na conversas eles possam expressar as suas percepções, sentimentos e impressões;
- Na análise dos registros, é importante observar atentamente os conflitos, os paradoxos e as incongruências, pois neles a trama se revela de modo ainda mais particular;
- O sentido buscado não se aprisiona nas diversas formas de seu registro;
- A pro-dução de sentido é infundável, não havendo como prever desfechos ou resultados;
- O real é compreendido como fenômeno em realização e não como representação de modo que sua interpretação é uma busca de compreensão, não pressupondo, assim, um sentido em si;
- é uma ilusão acreditar que se possa estar de modo neutro em uma situação;
- Independentemente do instrumento, é importante ter clareza da intenção, sendo mais importante o modo;
- O pesquisador também é

participante; - Tudo importa – o que aparece e como aparece – pois o sentido pode se revelar através de qualquer coisa; - O olhar precisa se voltar para a diversidade; - À medida que vai sendo desvendada a trama, novas destinações podem ser impressas ou, ao menos, apontadas. (CABRAL; MORATO, 2013, p. 166-167).

Terceiro momento, o da dialética caminho caminhado – lugar de chegada: fortalecemos o caminho e, conseqüentemente, enfraquecemos o lugar de chegada, sem desconsiderá-lo.

O caminho nunca se oferece inteiro ao viajante. Ele se mostra e se constrói na medida em que é trilhado, com base na destinação que vai se definindo ao longo do trajeto, tendo a questão-bússola como norteadora. No entanto, mais importante que chegar a dado lugar é o próprio caminhar. O importante é prestar atenção ao que vai se revelando durante o trajeto. Esse é um ponto axial na feitura de uma pesquisa fenomenológica existencial: o pesquisador-viajante não pode se deixar capturar pela ânsia de chegar ou de ter bem determinado, previamente, o caminho a percorrer; antes, precisa se apropriar dos passos do caminho e dos aspectos das paisagens avistadas. Assim, cada fase da trajetória que vai se delineando está intimamente conectada com a questão que provocou o pesquisar. (CABRAL; MORATO, 2013, p. 171).

Quarto e último destaque: nós bancamos esse modo-de-ser-pesquisadores, mesmo que os órgãos de financiamento não banquem. Calma, estimado leitor. Estou brincando, afinal, a própria tese foi financiada. Entretanto, será que a academia “banca” nossas pesquisas? Que parte do tecido acadêmico chancela o que fazemos e, de outra forma, quem são as pessoas que rechaçam as proposições de um saber científico não mais escondido sob o jugo de um suposto cientificismo universal e, dessa forma, supostamente impessoal?

Assumimos, portanto, a produção do conhecimento como um processo de construção de compreensões acerca dos fenômenos, que ocorre na interlocução do pesquisador com o que ou quem é pesquisado, importando, sobretudo, o modo como esses encontros ocorrem. Tal perspectiva valoriza a própria experiência entre humanos – a coexistência – como lócus primordial para a elaboração de sentido do contexto da existência, implicando afetações, mobilizações, desalojamentos. Sabendo-se misturado ao real que busca conhecer, tomado não como algo em si, mas fruto da composição na relação que se estabelece, o humano mergulha no processo de interrogar-se sobre a própria vida e o que nela se perfila. Trata-se de um modo de conhecer pela rota de

trânsito entre sentir-pensar, que implica correr riscos e perigo, via experiência. (CABRAL; MORATO, 2013, p. 80).

Após passearmos por todas as referências que me ins(piram), afirmo que essa é a receita do meu caldo. Não sei falar sobre quantidades, muito menos sobre a ordem dos ingredientes. Penso, inclusive, que saber quantidades me distancia do sentir-pensar que busco.

4.3 ASPECTOS BUROCRÁTICOS E DISCUSSÕES ÉTICAS

Caro leitor, este é o momento em que começo a imaginar algumas perguntas que você deve ter neste momento: “Ok, mas como você garante que as personagens da sua narrativa são reais e, sendo reais, elas autorizaram ser parte desta história?”

Veja bem, eu poderia iniciar a minha resposta questionando o próprio estatuto de verdade no paradigma hermenêutico e existencial. Caso queira se aprofundar nessa discussão, recomendo a leitura de Gadamer (2011b; 2015), em especial, as seções “A verdade nas ciências do espírito (1953)” e “O que é a Verdade? (1957)”, nas páginas 49 e 57. Também indico a leitura do mais famoso e polêmico. O nazista, sabe? A palestra proferida por ele, nomeada “Ciência e Pensamento do Sentido” (HEIDEGGER, 2012a, p. 39), traz contribuições do campo da filosofia para engrossar o nosso caldo. Caso tenha dificuldade, recomendo que você inicie em Hermann (2003) e Critelli (2006).

Entretanto, como não sou seu professor de psicologia fenomenológica, prefiro caminhar pela arte para te dizer como faço uso dos conceitos filosóficos mencionados. Menciono, primeiro, uma peça de teatro apresentada pela Cia. Hiato, em 2012, no Sesc Pompeia, São Paulo, nomeada Ficção. Pesquisei pelo site da Companhia, mas está fora do ar.

CONTRA O DESMONTE DA CULTURA NESSE GOVERNO GENOCIDA!

Encontro um *teaser* da peça nas profundezas da internet.⁴ Trata-se de um processo criativo autoral. Seis monólogos. Nessa ficção, vemos elementos de realidade. Uma relação de dificuldade de aceitação de um pai de verdade acerca da sexualidade de verdade de um filho de verdade. Vemos o que, nas palavras da atriz Paula Picarelli, “[...] é um cigarro real que não vai ser fumado por uma pessoa real.” (4’23”). Vemos inclusive a súplica da mesma atriz: “[...] Deixa eu ser o Becket de mim mesma. Por favor, eu preciso disso... Só agora... Eu nunca falei essas coisas para ninguém.” (4’47”).

Recomendo fortemente também o monólogo criado e executado pela artista Letícia Rodrigues, de nome “A mim os algodões nunca foram fofos.” É possível ver alguns trechos da obra adaptados ao “novo normal” no seguinte debate (SESC RJ. Arte em Cena)⁵: A ficção de Letícia nos mostra: “[...] É por ser uma baleia, que eu nado tão bem. E eu tento lavar minhas palavras... Eu tento lavar minha boca porque parece que aquilo que sai de dentro de mim não é tão limpo. Não limpa nunca. É por ser uma baleia que eu nado tão bem. É por ser uma baleia que eu nado muito. Consigo percorrer 200km todos os dias em poucos segundos.”.

Ainda na *vibe* dicas artísticas, faço referência ao romance de Isabela Figueiredo (2016). Ela nos adverte, no início de seu livro: “Todas as personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade.”

Há, também, os clássicos. O professor de psicologia fenomenológica que nunca citou o poema “O Rio”, de Alberto Caeiro, ou o próprio Manoel Barros que atire a primeira pedra.

Entretanto, eu também não sou seu professor de artes e acredito já ter te oferecido várias dicas culturais. Sigamos!

Sobre os procedimentos éticos de ordem prática, faço menção ao fato de que nesta pesquisa, por estar inserida tradicionalmente dentro do paradigma qualitativo, descritivo, teórico e documental (LUNA, 2000), não há a necessidade de submissão na Plataforma Brasil e eu te garanto que todos os dados biográficos de minhas personagens são fictícios. Portanto, não será possível identificar correlação à “verdadeira” identidade deles. Ou como aparece no plim plim: “[...]”

⁴ Disponível em: <https://vimeo.com/56134172>. Acesso em 02 fev. 2022.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mlWi5gDrMM0&ab_channel=SescRJ. Acesso em 02 fev. 2022.

esta é uma obra de ficção coletiva baseada na livre criação artística e sem compromisso com a realidade." Lá (no plimlim) eles usam esse argumento: "[...] A frase reforça que, ao recriar livremente situações e conflitos cotidianos, as novelas, séries, minisséries, especiais, infantis e humorísticos da (plimlim) buscam entreter, criando oportunidades de discussão e reflexão para o público, mas sem o compromisso de retratar fielmente a vida real."⁶

Vamos combinar que já basta a minha exposição, não é mesmo?

⁶ As informações apresentadas foram extraídas do Comunicado do Grupo Globo, no ano de 2021, disponíveis no seguinte link: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/10/rede-globo-exibe-nos-creditos-finais-frase-que-reforca-o-conceito-de-ficcao.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

5 DE QUAL PANDEMIA ESTAMOS FALANDO? A PROBLEMÁTICA DO CORPO GORDO: DO MUNDO AO BRASIL

Na tentativa de contextualizar você, leitor, que possa não estar familiarizado com a complexidade de meu tema de estudo, dou início a este capítulo. A vida foi transformada radicalmente com o surgimento da pandemia da COVID-19, no início de 2020. Hoje, 07 de janeiro de 2022, ainda estamos sem repostas sobre uma série de questões vitais, no que concerne ao combate e à resolução dessa pandemia.

Uma reposta que já sabemos é que as desigualdades e vulnerabilidades estruturadas socialmente só se agravaram. A distância entre ricos e pobres aumenta mais e mais. A cada ano dessa pandemia somos “surpreendidos” com uma lista de novos bilionários, no Brasil e no restante do mundo, cada vez maior. A outra polaridade dessa balança também é “surpreendente” (já deu para perceber que estou sendo irônico, né?): pobreza e miséria aumentando mais e mais. Já sabemos, inclusive, que “as desigualdades sociais fazem mal à saúde” (BARATA, 2009).

Em uma organização social com base no capitalismo e no ultraneoliberalismo, na linha do Trump e do seu representante genocida brasileiro, o consumo impera. Leviano é aquele que limita tal lógica aos bens de consumo. Ou melhor, leviano é aquele que restringe o conceito de bens de consumo a *iphones* etc. Esse sistema transforma absolutamente tudo em bem de consumo. Eu, você, o planeta, a força de trabalho, o próprio trabalhador e assim vai.

A essa lógica também é incorporada a luta por direitos humanos e sociais nos diversos segmentos – raça, classe, gênero e demais marcadores sociais. Assim como a diferença entre *iphone* 12 e 13 é inexistente do ponto de vista da função originária de um celular, o mercado da militância também trabalha na lógica da obsolescência programada. Apropria-se de pautas de movimentos sociais e as sujeitam ao consumo de roupa, maquiagem etc.

No caso da luta antigordofobia, o mercado de influência impera. É maneira ter roupa *plus size* em sua loja. Não importa se a produção dessa roupa tenha sido feita por trabalho análogo ao da escravidão. É maneira amar seu corpo e a si mesmo, independente do seu tamanho. Não importa se para isso você tenha que

fazer intervenções cirúrgicas, tenha que aplicar maquiagem, acessórios etc. Ainda não se ama? Consume mais que dá certo. Há, nesse sentido, um sequestro de pautas que são importantes – como a roupa para pessoas gordas ou a autoestima – e, dessa forma, são redirecionadas a um consumismo que não resolve as questões, ao contrário, só as alarga.

As marcas *body positive* e corpo livre (na minha opinião, fica mais maneiro ainda se trocassem por *body free*) existem porque gordura não é maneira. Não pega bem. A publi não engaja. Precisa de uma roupagem nova. Talvez, um especialista em marketing com página no LinkedIn tenha contribuído para essa revolução mercadológica.

Já sei, amigo leitor. Você quer saber o motivo da gordura ser tão *outdated*. Então, vamos a ele.

Primeiro indico a leitura de Vigarello (2012; 2016), Sant`Anna (2001; 2014; 2016) e Wolf (2020) para entender melhor os sentidos construídos para o corpo e para a ideia de autoimagem no percorrer dos anos. Não me alongarei nesta história, uma vez que meu interesse está no período de construção do corpo gordo como patologia. Parto, portanto, desse período histórico.

5.1 OBESIDADE: A CONSTRUÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Gilman (2008, p 15) cita uma tirinha de Dick Locher, do *Tribune Media Services*, em que um garoto, ao ler no jornal que obesidade passa a ser uma doença, liga para a escola e fala que não poderá frequentar as aulas, pois está doente. Se eu soubesse disso anteriormente, eu teria evitado muitas aulas de educação física. Você sabe de quais estou falando. Você estava lá, lembra? Aquelas onde eu tinha que fazer prova de abdominais, de corrida, de flexão, *jump*, *step* e até abdominal com metas inalcançáveis. Aquelas onde o corpo gordo é proibido e os afeminados não têm vez. As mesmas que me renderam apelidos bem desagradáveis. Que me fizeram sentir, talvez, pela primeira vez, o que é ser chacota de meninos.

O autor afirma também que o termo obesidade foi usado pela primeira vez na história no século XVII, no livro de Tobias Venner, nomeado *Handbook of*

humoral good diet and health, em 1620. Após percorrer as mudanças históricas desse diagnóstico, Gilman (2008) nos apresenta a causa atribuída contemporaneamente ao diagnóstico.

Hoje parece haver uma ênfase em uma pluralidade de causas muitas vezes conflitantes. Central entre elas são as explicações sociais e genético-fisiológicas: 1 Uma mudança na 'qualidade de vida' e na expectativa de vida: vivemos mais agora, temos ocupações menos ativas fisicamente e temos acesso mais fácil a mais alimentos. 2 Nossa constituição psicológica: dependemos psicologicamente da comida como meio de manipular nosso ambiente imediato. Com base nessa suposição, a obesidade está simplesmente em um continuum com a anorexia nervosa, que foi assim rotulada pelos psicólogos. A obesidade é, portanto, uma doença mental. 3 Acesso abundante à má alimentação e ausência de estruturas para praticar atividade física: esse é o argumento da 'obesidade da pobreza' – ou seja, o argumento de que a pobreza é um fator contributivo para se tornar obeso. 4 Perda de controle sobre o consumo de alimentos por meio de comportamento aditivo: a dependência é geralmente entendida no modelo médico de algum tipo de predisposição patológica genética em um indivíduo ou grupo e não como uma 'fraqueza de vontade'. 5 Uma predisposição genética 'normal', entendida em termos de um impulso biológico evolutivo para acumular gordura corporal a fim de evitar a fome em tempos de fome: este é o argumento 'ob-gen', apresentado pela primeira vez no artigo clássico de 1994 sobre a genética da obesidade em camundongos, que concluiu extrapolando para seres humanos. 6 Uma interrupção do crescimento normal causada por alterações no sistema endócrino. Outras alterações, patológicas, incluindo o envelhecimento (também entendido como patológico). 7 O resultado de infecção. (GILMAN, 2008, p. 20-21. Tradução nossa).⁷

Texto-fonte: “Today there seems to be a stress on a plurality of often conflicting causes. Central among them are social and genetic–physiological explanations: 1 A shift in the ‘quality of life’ and in life expectancy.: we live longer now, have less physically stressful occupations, and have easier access to more food. 2 Our psychological makeup: we depend psychologically on food as a means of manipulating our immediate environment. On this assumption, obesity is simply on a continuum with anorexia nervosa, which has been so labeled by psychologists. Obesity is thus a mental illness. 3 Abundant access to poor food and the absence of structures to engage physical activity: this is the ‘obesity of poverty’ argument – that is, the argument that poverty is a contributory factor in one’s becoming obese. 4 Loss of control over food consumption through addictive behavior: addiction is usually understood on the medical model of some type of genetic pathological predisposition in an individual or group rather than as a ‘weakness of will’. 5 A genetic ‘normal’ predisposition, understood in terms of an evolutionary biological drive to accumulate bodily fat in order to prevent starvation in times of famine: this is the ‘ob-gen’ argument, first put forth in the classic 1994 paper on the genetics of obesity in mice, which concluded by extrapolating it to human beings. 6 A disruption of normal growth caused by changes in the endocrine system through. Other, pathological, changes including aging (also understood as pathological). 7 The result of infection.” (GILMAN, 2008, p.20-21).

Seguindo nessa perspectiva, o autor nos mostra que, no final da década de 90 (1997), pesquisadores na Experimental Biology Meeting afirmaram que obesidade poderia ser causada parcialmente pelo Adenovírus 36 (AD-36). Relata ainda que pesquisadores como Nikhil Dhurandhar e Richard Atkinson afirmam que a velocidade com que a doença obesidade se espalhava era proporcional a um processo de contágio por vírus.

‘Em 10 anos’, afirmou Nikhil Dhurandhar, ‘as pessoas poderão entrar em uma clínica e saber que sua obesidade se deve a uma causa X, como genes, sistema endócrino ou patógenos’. Isso pode ter um resultado mais produtivo do que um tratamento geral agora, [que] não é muito bem-sucedido. E como os vírus são difíceis ou impossíveis de tratar, a prevenção por meio de vacinas será fundamental’. (GILMAN, 2008, p. 23. Tradução nossa).⁸

A ideia de que obesidade é causada por um vírus é, ainda, segundo Gilman (2008), uma lógica necessária, uma vez que o conceito de epidemia necessita de um índice de transmissão alto e esse índice só se explica pela presença de um vírus. O uso do termo epidemia no sentido metafórico, ou seja, que se transmite na velocidade de propagação de um vírus, mas com causas multifatoriais, inclusive sem a necessidade de um agente transmissor, é uma ideia construída mais recentemente. Ainda assim, existem disputas no campo que apontam para a presença de um fator endócrino desencadeado por contaminação de agente externo.

Há, desse modo, o entendimento de que obesidade é uma doença terciária: não se morre dela, mas ela influencia a causa de outras doenças que matam (diabetes, doenças cardiovasculares etc.). Gilman (2008) aponta que a necessidade de atrelar obesidade a um vírus se remete a uma tradição de culpabilização do Oriente Médio pelo surgimento da doença, como aconteceu

⁸ Texto-fonte: “‘In 10 years,’ Nikhil Dhurandhar stated, ‘people may be able to walk into a clinic and be told that their obesity is due to X cause, such as genes, the endocrine system, or pathogens. That may have a more productive outcome than a blanket treatment right now, [which] is not very successful. And because viruses are hard or impossible to treat, prevention through vaccines will be key.’” (GILMAN, 2008, p. 23).

com a SARS (síndrome respiratória aguda severa). Familiar meu leitor, não é mesmo? Tá passada?

A obesidade faz parte de uma série de pânicos morais sobre a comida, a cadeia alimentar e as doenças que assombram nossa era atual. Ligados a doenças reais com implicações reais para a saúde, esses pânicos morais sinalizam um mundo em que a comida é a causa de epidemias potencialmente devastadoras, epidemias que ameaçam não apenas o indivíduo, mas também o próprio tecido da vida social. Onde está o perigo? Está naquilo que nunca podemos prescindir: nosso sustento. Assim, a SARS, que parecia começar como um pânico moral sobre doenças infecciosas, transformou-se rapidamente na busca da fonte da doença. (GILMAN, 2008, p. 30-31. Tradução nossa).⁹

Se há uma epidemia de obesidade que agora existe e é o foco de um 'pânico moral' sobre peso e doença, cada novo surto de gripe na Ásia se torna a causa de uma potencial pandemia de gripe, com toda a ansiedade que acompanha essas imagens. É precisamente a noção de que o vírus Ad-36 cruzou a barreira das espécies em um mundo distante e distante que torna a noção de 'obesidade infecciosa' tão poderosa – com a Índia, não a China, como a terra de 'origem'. Mas, como a China, a Índia faz parte de um mundo 'oriental' dotado da noção de que gera e dissemina pragas, da cólera à SARS. (GILMAN, 2008, p. 43, tradução nossa).¹⁰

Ainda sobre a noção de obesidade como epidemia global, é apontado por esse autor que a comunicação sobre tal epidemia nas mídias para a população produziu o pânico moral sobre a gordura. Diante do medo da morte, associado ao que você come, a como você come, aos seus hábitos de vida, as mais diversas fantasias simbólicas atuam.

⁹ Texto-fonte: "Obesity is part of a string of moral panics about food, the food chain, and disease which haunt our present age. Tied to real diseases with real health implications, these moral panics signal a world in which food is the cause of potentially overwhelming epidemics, epidemics that threaten not only the individual but also the very fabric of social life. Where does danger lie? It lies in that one thing we can never do without: our sustenance. Thus SARS, which seemed to begin as a moral panic about infectious disease, turned quickly into the pursuit of the source of the disease." (GILMAN, 2008, p. 30-31).

¹⁰ Texto-fonte: "If there is an obesity epidemic that now exists and is the focus of a 'moral panic' about weight and disease, each new influenza outbreak in Asia becomes the cause of a potential pandemic of influenza, with all of the anxiety that accompanies such images. It is precisely the notion that the Ad-36 virus has crossed the species barrier in a far and distant world that makes the notion of 'infectobesity' so powerful – with India, not China, as the land of 'origin'. But, like China, India is part of an 'oriental' world endowed with the notion that it breeds and disseminates plagues, from cholera to SARS." (GILMAN, 2008, p. 43).

É fundamental, num país como os Estados Unidos da América – EUA, cuja culinária tradicional é composta por alimentos industrializados ultraprocessados, ricos em gordura e açúcares, a noção de obesidade causada por agente viral proveniente do oriente. Tal lógica permite ao governo criar uma guerra contra o oriente sem que se precise rever um modo de vida amplamente difundido, defendido e necessário para o processo imperialista que o país implantava pós Guerra Fria.

No entanto, também é, na fantasia do Ocidente, a terra de famintos e mortos de fome, na qual a obesidade só pode ser imaginada com grande esforço. A Índia pode responder ao nosso desejo coletivo de que a obesidade também possa ser rapidamente corrigida, uma vez que seja reconhecida como ‘meramente’ uma doença infecciosa ou uma invasão externa, em vez de um reflexo de nosso caráter nacional ou pessoal. Nenhuma solução rápida, social ou médica, é realmente possível; por que não esperar uma vacina contra a modernidade, a desesperança e a gordura, tudo de uma vez, pergunta o sonhador em cada um de nós? Simplesmente porque essas soluções rápidas nunca eliminam verdadeiramente o pânico moral associado a cada nova epidemia, seja obesidade, SARS ou gripe aviária. (GILMAN, 2008, p. 43, tradução nossa).¹¹

É na passagem da década de 80 para 90 que os EUA iniciam propriamente a guerra contra a obesidade como conhecemos hoje¹². O império do *light*, as fitas-cassete de *fitness* estreladas por personalidades da mídia, a ascensão de *top models* como Gisele Bündchen, representantes máximas do novo belo, expondo corpos raquíticos nas passarelas mundiais. O cinema, cuja função principal sempre foi a propaganda do *American Way of Life*, lucrava com produtos como *Pretty Woman* e basicamente todos os filmes estrelados por Sandra Bullock, além de franquias como o Professor Alopado na televisão. Surgem, também, as séries *blockbusters* repletas de mulheres magríssimas, como Rachel Cox e Jennifer

¹¹ Texto-fonte: “Yet it is also, in the fantasy of the West, the land of famine and starvation, in which obesity can be imagined only with great effort. India may answer our collective desire that obesity, too, can be quickly fixed, once it is recognized as ‘merely’ an infectious disease or an invasion from without, rather than a reflection on our national or personal character. No quick fix, social or medical, is truly possible; why not hope for a vaccine against modernity, hopelessness, and fat, all at once, asks the dreamer in each of us? Simply because such quick fixes never truly eliminate the moral panic associated with each new epidemic, whether obesity, SARS, or Avian ‘flu.’ (GILMAN, 2008, p. 43).

¹² Ratifico que esta é uma hipótese explicativa sobre o surgimento da gordofobia. Cabe mencionar a hipótese de Strings (2019).

Aniston, em *Friends*. Sem falar no mundo da música, com as popstars Paula Abdul, Britney Spears e tantas outras.

No Brasil não era diferente. A expressão quintal dos EUA cabe nessa narrativa. Recém-saídos de uma ditadura civil-militar apoiada e financiada pelos EUA, vivíamos em um período em que os alimentos ultraprocessados, industrializados, ricos em gordura e açúcares eram sinônimo de progresso. Ao mesmo tempo, eram também criticados e demonizados, fruto do pânico moral da gordura e do gordo. Uma referência importante sobre este fenômeno histórico é Sant'Anna (2016).

Capas de revista (acrescenta-se aqui as revistas de nu feminino e, ainda que com menos intensidade, masculino), novelas, filmes e programas de TV infantis e adultos com as estrelas do momento (loiras, hipersexualizadas e objetificadas, além de cantores de pagode negros e seminus) contribuíram para a construção de um imaginário, machista, sexista, lgbtfóbico e racista, em que os corpos gordos não têm vez. A divulgação de um corpo gordo estava única e exclusivamente atrelada a um tipo de humor que desumanizava o corpo gordo ou nas imagens de antes e depois de propagandas da indústria da beleza e do emagrecimento. Que reforçam a lógica sucesso (magros) e fracasso (gordos); ou, de outro modo, promovem uma romantização da autoestima.

Nos anos 2000 em diante, a lógica é a mesma. Aqui, destaco a força de narrativas escolares em que a garota feia (e, portanto, gorda) emagrece e (evidentemente) fica bonita. A partir dessa “vitória”, ela conquista o menino popular da escola, as amigas que sempre quis ter e o sucesso. Histórias de meritocracia e heroísmo em volta do fenômeno mudanças de hábito, de vida, emagrecimento e sucesso foram difundidas na velocidade de uma epidemia global. Só se era feliz, bem-sucedido e completo quando magro.

Na década de 2010, época em que passaram a se preocupar com os casos de distúrbios alimentares em mulheres, principalmente. O ideal de beleza masculino e feminino descola da magreza extrema e vai, aos poucos, se transformando no corpo grande e definido por rotina extrema de exercícios e dieta rica em proteínas e fibras e ausente de carboidratos, açúcares e gorduras. A porcentagem de gordura no corpo cada vez mais próxima do zero era o maior

objeto de desejo daqueles que almejavam uma beleza alinhada aos padrões do que estava significado como belo.

A tecnologia encontra com a indústria da beleza e os procedimentos estéticos em nome de busca pela saúde e pelo sentir-se bem consigo mesma imperam¹³. Implante de silicone nos seios, nas nádegas, nos braços e nas pernas, lipoaspiração e cirurgias bariátricas estavam mais famosas e acessíveis do que nunca. Figuras como Kim Kardashian, Graciane Barbosa e todas as representações de heróis da Marvel e DC nos cinemas passam a ser o ideal – com exceção, claro, de quando o Thor apareceu gordo em “Vingadores: Ultimato”. O corpo gordo ainda estava fora do *mainstream*. Influenciadoras como Boca Rosa, Gabriela Pugliesi e Maíra Cardi inventavam dietas e instrumentos de autopunição para não engordar. Também era o início da hipermaquiagem. Bases de alta cobertura, sobrancelhas desenhadas e contorno marcado foram usurpados das *drags queens*, mulheres trans e travestis e começam a dar visualização às blogueiras tipo Mari Maria.

Da segunda metade da década em diante, o mercado da militância começa a surgir entre os influenciadores. Feminismo é maneiro. No Brasil, amigo gay se transforma em acessório fundamental para a mulher moderna. Está tudo bem em ser do seu jeito. *You were born this way. You are a firework.*¹⁴ Aqueles que não conheciam a linguagem do lacre, eram cancelados e eliminados. Era o início da “ditadura gayzista e feminista” e o fim do homem hétero e macho tradicional. Se os homens e mulheres da mídia não fossem ao menos bissexual sem ter tido experiências com pessoas do mesmo sexo, porém abertas para tal (sem preconceitos, sabe como é?), sexualmente abertos, que ficam com amigos e amigas sem moralidades, não ganhavam likes. Preciso fazer uma ressalva aqui. Este movimento é resultado de uma apropriação e usurpação das pautas de movimentos sociais. A juventude que reproduz o cancelamento e o lacre é a que tem contato com e impulsiona influenciadores a serviço do mercado de vendas.

¹³ Apesar da intensificação dos procedimentos estéticos ser destacada por mim na década de 2010, ressalto que as intervenções estéticas surgem no Brasil já antes da década de 80 (SANT'ANNA, 2016).

¹⁴ Você nasceu assim e Você é fogos de artifício são expressões retiradas de músicas pop famosas na época das cantoras Lady Gaga e Katy Perry.

Com o avanço do consumo de conteúdo por *streaming* e a popularização de (ainda poucas quando comparadas às estadunidenses) produções orientais com foco no eixo Japão e Coreia do Sul, o ideal de beleza masculina passa pela suavização de marcas, traços e cicatrizes. O que, anteriormente, era sinônimo de “viadagem”, hoje é ideal de beleza. Protetor solar diário (até em dias nublados e dentro de casa), creme hidratante, maquiagem e roupas para TODOS é mais importante que consciência de classe. Aproveito para te lembrar, leitor, que as pessoas gordas (em especiais as gordas maiores) não têm acesso a roupas do tamanho delas, em especial, fora do eixo Rio-SP. Isto mostra como o discurso é superficial e a serviço do lucro das mesmas empresas que nos excluem.

Já para as mulheres, coitadas, tinham que se amar a qualquer custo. Não importa sua história, seu corpo, sua raça, seu cabelo, AMEM-SE! Era exigido delas que, sozinhas, a partir do consumo de influenciadoras militantes, ao se olharem no espelho, criassem do absoluto nada um amor-próprio, independente da história de vida, da cultura familiar, dos sonhos, desejos etc. Evidentemente a culpabilização da mesma mulher que não conseguiu alcançar esse estado de espírito era inevitável. A mulher que antes se sentia incapaz por não conseguir seguir as dietas da terra, hoje se sente culpada por não conseguir amar suas dobras, celulites e marcas de estria.

Aqui, o corpo gordo vira mercadoria. Maquiadas de *plus size*, as lojas, aliadas com a linguagem da internet, começam a produção em larga escala de roupas para alguns corpos gordos – na maior parte das vezes, não passa da numeração 48-50. Influenciadoras fora do padrão de beleza, porém, ainda magras, importam dos EUA o conceito de *body positive* e enriquecem no mercado de influência.

De outro lado, o setor conservador da nossa sociedade contra-ataca. Oram pelo resgate dos valores familiares cristãos. Inventam notícias sobre o modo de vida das pessoas desviantes e as replicam via *WhatsApp* por robôs. A imprensa perde credibilidade para os canais de *YouTube*, blogues com chamadas que clamavam para a população de bem abrir o olho para a manipulação das grandes empresas milionárias que querem o comunismo para lucrar ainda mais e manipular aqueles que realmente enxergam a verdade. Conclamam uma retomada aos tempos que podiam ser racistas, machistas, lgbtfóbicos e nazistas

sem serem punidos. Aos tempos que mulher valorizada era magra e subserviente e homem valorizado era respeitado como autoridade máxima e máscula, a la Arnold Schwarzenegger em *Exterminador do Futuro*.

Esse setor conservador e alguns, inclusive, setores progressistas acusam os influenciadores *body positive* de romantizarem uma doença grave que pode matar. O pânico moral do gordo continua atuando nas fantasias sociais. A culpa da gordura, apoiada pelo pensamento moral das mídias, era unicamente do gordo e aqueles gordos que tentavam questionar essa lógica eram acusados pelos fascistas, pela direita e pela esquerda, ora de romantizar uma doença séria e fatal, ora de invisibilizar pautas fundamentais e mais importantes, como a própria luta de classes. Incapazes ambos de enxergarem o sofrimento das pessoas gordas e como a gordofobia evidencia também a luta de classes, sobretudo quando se trata do atravessamento da gordofobia com outros marcadores sociais, como a estigmatização em ser, por exemplo, gorda, negra e pobre (gordofobia, gênero, raça e condição socioeconômica).

Na virada da década de 2020, acontece a mais nova pandemia do momento: SARS-COV19. A maior parte da população precisa ficar em casa. O teletrabalho se intensifica e todas as interações devem ser mediadas por tecnologia. Vemos um processo de ganho de peso significativo no mundo em razão de múltiplos fatores. Na pandemia de COVID-19, as disputas entre polaridades migram para como devemos combater o novo inimigo. Os métodos continuam iguais e são intensificados. Entretanto, o objeto de disputa a figurar muda. Estão menos preocupados com o debate sobre os corpos e as sexualidades. Em compensação, a dedicação está na disputa pela verdade sobre saúde pública no enfrentamento da pandemia.

Entre pesquisadores da área da saúde, o discurso sobre o fracasso no combate à obesidade ganha forças e novas metodologias de combate são construídas. Por exemplo: há o surgimento do Dental Slim Diet Control¹⁵ que é, basicamente, um cadeado que restringe a abertura da sua boca a dois milímetros para que você só tenha acesso a dietas líquidas. Há também o aumento do

¹⁵ Mais informações estão disponíveis em: <https://scitechdaily.com/dentalslim-diet-control-researchers-develop-world-first-weight-loss-device/>. Acesso em 02 jan. 2022.

número de procedimentos e intervenções agressivas em nome do emagrecimento, como a que eu estou fazendo no momento.

O tratamento da pessoa gorda nas intervenções em saúde começa a ser problematizado no campo das ciências humanas (POULLAIN, 2013). Por outro lado, os movimentos sociais implicados com o corpo gordo vão, aos poucos, acessando espaços de disputa na produção de conhecimento sobre o corpo gordo¹⁶. A aposta que faço para os anos subsequentes é a de configuração de um campo do saber cada vez mais engajado, militante e protagonista sobre a gordura. Afinal, a tese que você lê está situada neste contexto.

5.2 DO ESTIGMA SOBRE O OBESO AO CONCEITO DE GORDOFOBIA: DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS

Ainda sobre a discussão em relação aos conceitos do campo de pesquisa, iniciamos a maneira como se relata o sofrimento inerente ao corpo gordo. Quando a sociedade anuncia a epidemia global da obesidade, na linha do sensacionalismo criado com o surgimento da epidemia do HIV-Aids, cria-se o pânico moral diante da doença obesidade. Gordura é inimiga, alimentação é remédio e rios de dinheiro são investidos nesse combate. Cria-se uma indústria do emagrecimento, prima da indústria da beleza, uma vez que o corpo gordo se transforma em sinônimo de feiura e doença.

Essa transformação contribui para a ideia de que o corpo gordo tem que ser eliminado e aquelas pessoas que não o eliminam são erradas, feias, querem morrer. O controle dos corpos transformou o imaginário mundial. O medo de engordar, a culpa do corpo gordo, a noção de comida boa e comida ruim, práticas boas e práticas ruins sobre o corpo são dispositivos de controle do corpo a fim de eliminar a gordura (FOUCAULT, 2009).

Após décadas de investimentos no sentido da eliminação da gordura, o fracasso aparece para os torturadores do corpo gordo: a obesidade só aumenta no Ocidente. No Brasil atual, mais da metade da população está obesa. A luta

¹⁶ Ressalto o evento disparador para a luta antigordofobia nos EUA: a morte da cantora Cass Elliot. Mais informações em Jimenez-Jimenez (2020).

contra a gordura fracassou. As respostas a esse fracasso foram as mais diversas: há quem utilize o fracasso como justificativa para o investimento em intervenções cada vez mais agressivas do ponto de vista biomédico, no sentido de incentivar a culpa sobre a comida e a punição àqueles que comem. Medicamente, intervenções cirúrgicas e absurdos como instrumentos que travam a boca da pessoa para ela não comer passam a ser defendidos veementemente (vide Dental Slim blábláblá).

Há uma parcela bem menor dos pesquisadores de saúde pública que voltam seus esforços para compreender a experiência do corpo gordo e do combate à obesidade de forma humanizada, contando com a contribuição das ciências humanas. Daí surgem os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a violência que pessoas gordas sofrem. O vocabulário construído baseado nessa linha de pensamento pertence ao universo do estigma sobre o corpo gordo. Há também termos como *Weight Bias*, entre outros. Na revisão que apresentarei no próximo capítulo, há exemplos de trabalhos que exemplificam o que relato aqui.

Junto ao movimento dentro do campo da saúde para humanização do corpo gordo, no âmbito das ciências sociais, em especial, da antropologia, começa uma revolução. Amparada no processo de despatologização das experiências dissidentes, como a despatologização dos corpos racializados, das mulheres e da população LGBT e no conceito de interseccionalidade, a patologização do corpo gordo começa a ser questionada por movimentos sociais. O trânsito entre movimentos sociais e pesquisas acadêmicas se intensifica e o conceito de gordofobia, criado junto ao movimento social, passa a integrar o vocabulário científico e, assim, inaugura-se um campo de pesquisa.

Do ponto de vista da institucionalização dos movimentos sociais, há uma série de práticas históricas no mundo. Aqui, menciono algumas com o propósito de marcar o trabalho revolucionário de mulheres feministas gordas:

1. Revista científica *Fat Studies*;
2. *Weight Stigma Awareness Week*;¹⁷
3. A instituição *Big People UK*;
4. *Weight Stigma Conference*, fundada por Angela Meadows;¹⁸

¹⁷<https://centerfordiscovery.com/blog/weight-stigma-awareness-week-why-it-matters/>

¹⁸ <https://stigmaconference.wordpress.com/>

5. No Brasil, há o grupo Pesquisa Gorda.

Agora, imagino que você deva se perguntar, leitor: o que é gordofobia?

Trata-se de um neologismo emprestado do conceito de homofobia. Nesse sentido, gordofobia é toda e qualquer forma de violência contra o corpo gordo. Entende-se que o surgimento histórico dessa violência com embasamento científico no campo do estigma (GOFFMANN, 2004) está quando o pensamento biomédico classifica o corpo gordo como doença. Portanto, quem atua no campo da luta contra a gordofobia, luta contra a patologização da experiência gorda. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020)

O movimento de academização da luta antigordofobia apresenta características específicas a cada região. Nos EUA, há o campo dos *Fat Studies*, por exemplo. Menciono, aqui, algumas referências sobre *Fat Studies*, caso haja interesse e você queira se aprofundar na área. Indico, primeiro, um artigo de 2012 de Cooper sobre o estado da arte em *Fat Studies* (2010). Indico também seus livros que apresentam um histórico sobre o movimento social gordo nos EUA (COOPER, 2012; 2016).

Apresento também trechos de um capítulo de LeBesco (2011), em que ela localiza o *Fat Studies* epistemologicamente:

Então, quando digo que falo 'em nome' dos *Fat Studies*, quero dizer que estou fazendo o meu melhor para representar um campo nascente e interdisciplinar de investigação acadêmica que eu diria que tem como missão central não apenas repensar a retórica atual da 'epidemia de obesidade' e intervir em como nossa cultura responde à gordura, mas também para reformar amplamente o pensamento sobre o corpo e a corporeidade. (LEBESCO, 2011, p. 97-98, tradução nossa).¹⁹

Ao resgatar corpos gordos das latas de lixo da doença, essa abordagem os imbui de valor. Tais construções contestadas promovem alegações alternativas de verdade sobre gordura e corpos gordos. (LEBESCO, 2011, p. 100, tradução nossa).²⁰

¹⁹ Texto-fonte: "So when I say that I speak 'on behalf' of *Fat Studies*, I mean that I am doing my best to represent a nascent, interdisciplinary field of scholarly inquiry that I would argue takes as its central mission not only to rethink the present day rhetoric of the 'obesity epidemic' and to intervene in how our culture responds to fatness, but also to broadly reform thinking about the body and embodiment." (LEBESCO, 2011, p. 97-98).

²⁰ Texto-fonte: "In rescuing fat bodies from the dustbins of ill health, this approach imbues them with value. Such contested constructions advance alternative truth claims about fatness and fat bodies." (LEBESCO, 2011, p. 100).

Então, o que não é Fat Studies? Como se delinea o campo? Seriam excluídos trabalhos sobre a gordura que não reconhecesse ou situasse as pessoas gordas como sujeitos; o corolário nos estudos sobre as mulheres é que o trabalho não feminista focado nas mulheres não seria incluído. (LEBESCO, 2011, p. 102, tradução nossa).²¹

No Brasil, surgem a partir de 2016 trabalhos pontuais sobre gordofobia. O esforço de centralidade e união de pesquisadores sobre o tema pertence a Malu Jimenez. A filósofa é responsável pela unificação desses pesquisadores e pela criação de um campo de conhecimento denominado Estudos do Corpo Gordo.

Pesquisadores dos Estudos do Corpo Gordo são estudiosos das diversas áreas do conhecimento que têm em comum a hipótese de que o corpo gordo não é um corpo doente e que a gordofobia é uma violência material, histórica e estrutural que deve ser apontada e combatida. Destaco aqui o protagonismo de pessoas gordas, em resposta à tradição científica considerada neutra e que, como já fora apontado pelas pesquisadoras feministas, se consiste exclusivamente na eleição de características heteronormativas, racialmente brancas e magras.

Também há discussões no campo acerca do uso do termo gordofobia. Nos EUA, tematiza-se a ideia de que não se trata de um processo fóbico, mas sim de uma violação. Daí o uso de termos como *fatmisia*. Dessa forma, marcado o surgimento histórico, a quebra paradigmática e o conceito de gordofobia, aponto uma tentativa de subcategorias relativas às práticas e às instituições ocidentais.

Apresento aqui um breve desdobramento do conceito de gordofobia com base nos contextos em que elas ocorrem:

- Gordofobia médica: produzida por agentes de saúde. Este tipo de gordofobia atravessa as práticas de cuidado e de saúde no ocidente.

- Gordofobia na educação: produzida por agentes de educação. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), são reconhecidos como responsáveis pela educação de crianças e adolescentes a escola, a família e a sociedade como um todo. Considerando a escola como um dos espaços prioritários para a construção do saber, compreendo e destaco que práticas

²¹ Texto-fonte: “So what is not fat studies? How does one delineate the field? Work about fatness that fails to recognize or situate fat people as subjects would be excluded; the corollary in women’s studies is that nonfeminist work focused on women would not be included.” (LEBESCO, 2011, p. 102).

biomédicas atravessam e moldam, atualmente, os saberes científicos e populares educacionais com a noção de desenvolvimento normal, o esforço para a aniquilação, bem como a repulsa do corpo gordo. E isso se faz também presente nos discursos educacionais que atingem tanto os estudantes quanto os profissionais da educação.

Igualmente, enfatizo algumas especificidades dessa categoria. Primeiro, a violência produzida pelo discurso moral de proteção das crianças, justificando o avanço do fascismo e de práticas de perversão, que resulta na ideia de epidemia de obesidade infantil. Depois, a violência gordofóbica contra os trabalhadores da educação que resultam, em última instância, na impugnação de professoras concursadas, com a justificativa da obesidade. Também os processos e dinâmicas familiares que naturalizam e perpetuam uma série de violências, dentre estas, a gordofobia. Por fim, destaco o trabalho das pesquisadoras gordas dos EUA sobre essa categoria em específico com a criação do termo Fat Pedagogy (CAMERON; RUSSEL; 2016); (CAMERON; WATKINS; 2017).

- Gordofobia no trabalho: gordofobia relacionada ao universo do trabalho. Práticas de violência contra o corpo gordo na seleção para vagas, na inclusão de pessoas gordas em todos os setores e práticas de trabalho, bem como na publicidade de corpos gordos.

- Gordofobia como violação de Direitos Humanos: área recente na discussão sobre gordofobia que correlaciona a privação de direitos à pessoa gorda. Aqui incluo a necessidade arquitetônica de espaços acessíveis para a pessoa gorda e a juridicização e proteção da pessoa gorda. Destaco as conversas para a criação de leis que penalizam a gordofobia.

6 PANORAMA DOS ESTUDOS DO CORPO GORDO: AQUELE CAPÍTULO OBRIGATÓRIO DE REVISÃO

Caro leitor, a essa altura do campeonato eu imagino que você deva estar cansado de ser referido dessa maneira. Prometo pensar em alternativas mais interessantes para me referir a você. Afinal, frequentemente, repetições deixam o nosso texto pobre, não é mesmo?

No presente capítulo, apresento um breve panorama das publicações sobre o corpo gordo. Não pretendo esgotar o material disponível, muito menos sedimentar fronteiras entre o que é e o que deixa de ser o campo. Também quero lembrá-lo que estamos na era do 5G. A cada segundo que passa um trabalho novo surge no mundo e, por isso, na medida em que este material é produzido, ele também se torna antiquado e ultrapassado. Chega de desculpas. Vamos!

Meu critério de seleção é: o trabalho questiona a construção de sentidos sobre o corpo gordo que o relacionam a um corpo doente? Se sim, ele entra. Caso contrário, não fará parte deste panorama. A pesquisa foi feita no dia 05 de janeiro de 2021, e as bases de dados pesquisadas foram:

- Lilacs;
- Psychnet;
- Eric;
- Base capes dissertações e teses;
- Periódicos Capes;
- Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações;
- BVS;
- Web of Science;
- Medline/Pubmed.

Também tentei procurar em mais bases de dados que priorizavam trabalhos fora do eixo EUA – Europa. Todavia, esses espaços estão fora do ar ou não têm a devida visibilidade a ponto de serem reconhecidas e assinadas pelas bibliotecas da USP, da PUC-SP e da UNESP - bibliotecas que parti para chegar às bases utilizadas.

A formação da sintaxe de busca, por sua vez, partiu dos termos utilizados por Arruda (2021) e passou por algumas mudanças durante o processo. Seguem os termos utilizados nesta revisão:

- Gordofobia;
- Lipofobia;
- *Fatphobia / Fat phobia*;
- Estigma da obesidade;
- “*Fat stigma*”;
- “*Weight stigma*”;
- “*Weight Bias*”;
- “*Fat Bias*”;
- Obesidade.

Dadas as especificidades de cada base de dados, os termos variavam, ora optou-se por um, ora por outro e houve casos de uso de sintaxe para busca avançada. A saber: (*fat phobia*) OR (“*weight bias*”) OR (“*weight stigma*”).

A descrição passo a passo do processo de revisão está devidamente armazenada em diário de campo comigo. Houve casos em que, para a minha surpresa, o número de resultados era muito alto para ser analisado por uma só pessoa. Nesses casos, optei por filtrar os resultados por meio das chaves da própria plataforma. Na plataforma Eric, optei por filtrar pelas chaves *body weight* e *obesity*. Já no caso das plataformas MEDLINE/PUBMED e *Web of Science*, optei pela seleção de revisões.

Depois de exclusão feita manualmente dos artigos que não tratavam do meu tema, estabeleci categorias de análise após a leitura dos títulos e, caso visse necessidade, dos resumos. Na seção de referências bibliográficas, há a indicação dos artigos da revisão separados por regiões dos autores – América Latina e restante do mundo.

Destaco falhas, uma vez que referências importantes não entraram, por não se enquadrar no algoritmo necessário para ser encontrada nos buscadores. Não pretendo terminar a análise dessa revisão na tese, uma vez que tal trabalho necessita de uma equipe de pesquisadores. Arrolo aqui indicação de categorias de análises para pesquisas futuras.

A primeira categoria é a de trabalhos que se referiam ao termo obesidade como doença a ser tratada. Os trabalhos que se encaixavam nessa categoria foram excluídos de minha análise.

A segunda categoria é trabalhos filiados ao paradigma obesidade como doença a ser tratada, que consideravam o sofrimento por conta do estigma da obesidade. Aqui também cabem trabalhos sobre *body positive*.

Já a terceira categoria é a de trabalhos pertencentes ao paradigma Estudos do Corpo Gordo. Aqui cabem trabalhos sobre gordofobia de maneira mais ampla.

7 RUMO A UMA PSICOLOGIA GORDA: CLÍNICA DO CORPO GORDO

Em uma de suas *lives* no facebook, no dia 12 de janeiro de 2021, o genocida foi entrevistado pelo *site* jornalístico *Gazeta Brasil*. Nesta entrevista, além de defender veementemente a falácia do tratamento precoce para a COVID-19, o genocida também aponta, sem embasamento, para o aumento da depressão e do suicídio. Estes sim, segundo ele, são causas legítimas de morte.

Quero aproveitar o momento para justificar a você, leitor, que trazer essa chuva de excreção tem um propósito. Na mesma entrevista, o genocida julga o jornalista a partir da imagem que ele tem de uma *webcam*.

Pelo o que eu tô vendo na tua cara, você é um jovem saudável, se você teve, você nem ficou sabendo. Ou se ficou sabendo, não teve consequência nenhuma. Eu aqui sempre falei que quem tem um bom preparo físico e cuida do seu corpo, quase não vai sentir a chegada desse vírus. Eu com 60, agora 66 anos de idade, tive em 2020 e não tive problema nenhum e tô imunizado até hoje. Tanto é verdade que eu fico no meio do povo. Entendo que eu seja um exemplo. (BOLSONARO, 2021).²²

Na live, ele ainda segue dizendo que dentro de casa morreríamos de fome ou de depressão. Entendo nesse discurso um sentido de doença e de saúde que passam por um corpo. Corpo com preparo físico é saudável. Corpo cuidado é saudável, inclusive contra um vírus responsável pela morte de mais de 600.000 pessoas no nosso país. Inclusive, vê-se um corpo saudável pela imagem de uma *webcam*. O que está subentendido nesse discurso é que corpo magro é saudável. E tem mais: corpo que trabalha não deprime, nem se suicida, apesar da explosão de casos de estafa, esgotamento desse corpo por conta do trabalho e de *burnout*. A “curiosidade” aumenta quando acompanhamos casos de atletas no mundo inteiro se recusando a tomar vacina contra a COVID.

Compreender os processos de gordofobia e de ataques ao corpo gordo é necessariamente analisar também que tais ataques são alimentados pelas noções morais de trabalho, família, religiosidade e da dualidade bem versus mal. O corpo

²² Fala de Jair Messias Bolsonaro, (des)presidente genocida do (des)governo atual no Brasil, em entrevista à *Gazeta Brasil*, no dia 12 de janeiro de 2021. A entrevista pode ser consultada no link: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=302519648496520. Acesso em: 13 dez. 2021.

descuidado adoecer. Corpo é descuidado, porque não trabalha. Torna-se, neste momento, urgente a disputa sobre os sentidos de saúde, saúde mental, doença, corpo cuidado e do cuidado do corpo.

Amado leitor (mudei, viu?), aqui começa a minha contribuição para a posteridade. Rumo a uma psicologia gorda é a minha maneira de mostrar, via psicologia, uma forma de cuidado para a pessoa gorda. Trata-se de um saber produzido por um corpo gordo com base epistemológica nos Estudos do Corpo Gordo e de orientação fenomenológica existencial. De início, te alerto: o caminho é mais importante que a chegada. Minha bússola aponta para a esquerda. Aqui, à esquerda, o poder biomédico é questionado. Pelo menos é o que pretendo fazer. Caminho se faz caminhando e eu te garanto que sairemos daqui com uma proposta de psicologia que, ao revisitar suas origens, transforma um saber e um poder.

Clínica, segundo Andrade e Morato (2004), tem origem no ato de “debruçar-se sobre o leito do doente” (p. 349). A partir dessa imagem, constrói-se o ato de inclinar-se diante da pessoa em sofrimento. Esse movimento tira do inclinador o poder de professar a verdade sobre o sofrimento e, conseqüentemente, sobre a pessoa que sofre para que, juntos, inclinador e sofredor construam em conjunto uma verdade sobre o sofrimento vivenciado.

Para que possamos chegar à construção desse tipo de verdade sobre o sofrimento sofrido, precisamos construir, do ponto de vista da argumentação, o sentido de sofredor, o sentido de inclinador e, por fim, o sentido de sofrimento. Temos uma única premissa – inclinador e sofredor são corpos gordos.

7.1 A DISCUSSÃO SOBRE CORPO OBESO NA PSICOLOGIA: HERANÇA DE UMA TRADIÇÃO

Não é novidade que a psicologia, no Brasil, como ciência e profissão, foi consolidada historicamente durante a ditadura civil-militar a serviço de uma elite (BOCK, 2009). O saber possível de ser numerado, calculado e medido sobre as questões humanas e sociais foi importado acriticamente de manuais produzidos pela American Psychological Association (APA), nos EUA, com base na população estadunidense e aplicado na nossa população. Essa é a tradição

psicológica que, assim como outros saberes no campo da saúde e da educação, legitima uma série de desigualdades.

Tal tradição cientificista tem como orientação epistemológica um método de conhecimento dito positivista. Este método se apoia em correntes filosóficas que se dizem neutras, objetivas e de verdade única e essencial. Para se conhecer, é preciso dividir, nomear e atribuir função até a menor unidade possível. Costumo fazer o seguinte exercício com meus alunos para didatizar esse processo. Peço que eles façam de conta que estão de volta ao sexto ano do ensino fundamental e, na prova de ciências, precisam me dizer o que é uma flor.

As respostas giram em torno dos conceitos básicos que aprendemos na escola: “É uma parte da planta”. “É o órgão reprodutivo da planta”. Dadas as respostas, destaco o movimento de reduzir em partes, nomear e atribuir função. Essa, portanto, é a essência de uma flor. A verdade sobre a flor, segundo tal método, é neutra, única e comum a todas as plantas do mundo.

O mesmo acontece com o corpo humano. Trata-se de um corpo cindido, observável via microscópio com funções específicas. Corpo é um conjunto de sistemas. Sistema é um conjunto de órgãos. Órgão é um conjunto de tecidos. Tecido é um conjunto de células. Célula é um conjunto de organelas. Organela é um conjunto de átomos. Assim vai até que se descubra uma tecnologia avançada o suficiente para que se veja elementos ainda menores.

Sobre as funções das estruturas corporais, todas contribuem para um bem maior: a preservação e sobrevivência da espécie. Para que a expectativa de vida de uma população seja a maior possível, precisamos, como sociedade, garantir que esse corpo tenha composição metabólica dentro de índices numerados e calculáveis. Esse é o princípio do cuidado em saúde. Cuidado tal que separa aspectos orgânicos e psíquicos do ser humano. Lembra-se dos meus índices lá em cima? Eles estão fora do que se espera para que eu viva o maior tempo possível. Em nome dos índices, moldamos comportamentos, regras, atitudes, noções de certo e errado (FOUCAULT, 2009). É o que apelido carinhosamente de saúde do índice.

Voltemos ao meu exemplo de sala de aula. Após a apresentação dos conceitos de flor, segundo a aula de ciências do sexto ano do ensino fundamental, lanço a pergunta: “Mas e se eu disser para vocês que flor é a saudade do meu

avô? Quando meu avô faleceu, no velório, havia muitas margaridas amarelas. Eram as suas favoritas. Durante o velório, aquelas flores apodreceram e o cheiro forte das flores em processo de apodrecimento marca minha memória até hoje. Por isso, flor é a saudade do meu avô”.

Após olhares estranhos de aproximadamente 180 alunos e desconfianças de que, talvez, eu precise passar por psicoterapia, começamos a discutir sobre a possibilidade de ser que desaparece quando elejo a verdade absoluta sobre as coisas. Com isso, não quero te emocionar nem receber abraços seus, meu leitor. Minha intenção é a de introduzir a mudança paradigmática proposta pela filosofia fenomenológica. “Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia”. (BARROS, 2016, p. 15)

Trata-se de um olhar integral sobre as coisas sem a certeza absoluta. Consideramos a pessoa que olha junto ao objeto olhado e pela via hermenêutica construímos um sentido sobre o fenômeno.

Ainda na tentativa de apresentar possibilidades sobre o corpo, trago uma música de Arnaldo Antunes, de nome *Cabimento*. Nela, o poeta nos conta uma possibilidade sobre o corpo. Peço que você escute a música enquanto lê a letra que trago:

Como uma agulha cabe numa caixa de fósforos
 Ou num caixão
 Num palheiro, num jardim, no bolso de uma pessoa
 Na multidão
 Caminhão, montanha, tudo cabe em seu tamanho
 Tudo no chão
 Hoje eu caibo nesse mesmo corpo que já coube
 Na minha mãe
 Minha mãe
 Minha avó
 E antes delas minha tataravó
 E antes delas um milhão de gerações distantes
 Dentro de mim
 Um lugar num porão
 Uma cama num colchão

Como um átomo num grão
Uma estrela na galáxia
Como a bala de revólver cabe no revólver
Cabe também
Numa caixa num buraco bem no centro do alvo
Ou em alguém
Onde cabem coração, cabeça, tronco e membros
Soltos no ar
Como cada gesto cabe no seu movimento
Muscular
Só nós dois, meu amor
Não cabemos em mim ou em você
Como toda gente tem que não ter cabimento
Para crescer
Como toda gente tem que não ter cabimento
Para crescer
(ANTUNES; TATIT, 2004).

Uma possibilidade de ser do corpo aparece para nós a partir dessa música. No corpo de Arnaldo Antunes cabem sua mãe, sua avó, sua tataravó, eu, você e tantos. Minha leitura sobre a possibilidade de ser do corpo aqui é que corpo é minha mãe. Também é minha avó.

Para que essas verdades sobre corpo possam aparecer, eu preciso desconfiar da verdade tradicional sobre o meu corpo. Meu corpo é aquele corpo repleto de mar, de marcas, cicatrizes e tecido adiposo. Aquele corpo da cartografia em época de expansão marítima. Porém, para que o corpo-navegação-de-mar-adiposo possa aparecer, eu preciso desconfiar do corpo-índice-metabólico.

Quando o corpo-navegação-de-mar-adiposo aparece, o mau vira bom. Minhas curvas não são mais sinais de doença, mas sim de aventura, sinais de vida vivida e vivente. Minha barriga é redonda igual a Terra. Ouviram, terraplanistas? A terra é redonda igual a minha barriga. Minha barriga é minha terra. É meu mundo! Ela é bem grande, porque nela cabem minha mãe, minha avó, minha tataravó. Cabe eu. Cabe você, leitor. Haja cabimento!

Já sei, leitorzinho! Você está me perguntando se pode isso? Onde estão os autores? As referências? Pois bem, vamos a elas.

Começo com Breton (2013; 2020). Aqui, o autor sistematiza um saber sobre o corpo oriundo das ciências sociais. Perceba que é fundamental que disputemos o sentido de corpo com as ciências naturais. As ciências humanas básicas (filosofia, sociologia e antropologia) também produzem saberes urgentes. Também incluo a visão Foucaultiana de corpo dócil (2009) e corpo-controle (COURTINE, 2020).

Já na discussão filosófica, resgato a discussão sobre verdade feita acima e acrescento, dentro do mesmo paradigma, uma ideia de corporeidade em Merleau-Ponty (2004; 2006a; 2018). Caso você apresente dificuldade na leitura do filósofo, indico Machado (2010). Meu corpo-navegação-de-mar-adiposo é o exemplo vivo da corporeidade.

7.2 REFORMULAÇÃO DA NOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL EM PSICOLOGIA

Como toda gente tem que não ter cabimento
Para crescer
(ANTUNES; TATIT, 2004)

Considerando essa estrofe da música que levantei no outro item, dou início a uma discussão importante no que concerne à noção de desenvolvimento saudável em psicologia. Já expliquei aqui, caro leitor, sobre a tradição psicológica e as respectivas repercussões em nossa sociedade. Um dos eixos da ciência psicológica é a psicologia do desenvolvimento. Esse eixo diz respeito ao estudo do crescimento e formação humana desde o nascimento até (idealmente) a morte. Aqui são utilizadas abordagens e teorias diversas, que têm como unidade a ideia de que nascemos com potencial de maturação e, em contato com o mundo, desenvolvemos habilidades, sentimentos, afetos, sexualidade, apreensão moral e assim segue.

Apresento a crítica a alguns aspectos dessa tradição. Primeiro, aponto para a ideia de que as teorias tradicionais entendem a fase adulta como finalização de um processo e consideram essa fase o momento mais evoluído e finalizado em nossas vidas. Depois aponto para o fato de que tais teorias dividem o fenômeno do desenvolvimento em fases, as quais são consideradas apoio para que a próxima fase possa ser alcançada. Também destaco que são normatizadas a partir da idade do humano. Por fim, acentuo criticamente a pretensão de universalidade dessas teorias tradicionais. Teorias que universalizam o ser humano independentemente de qualquer aspecto, como se uma criança de quatro anos, filha da elite de São Paulo, passasse pelos mesmos processos de desenvolvimento que uma criança de quatro anos pertencente a uma comunidade indígena na Floresta Amazônica.

A crítica que apresento está apoiada nas palestras de Merleau-Ponty em Sourbounne e que podem ser acessadas na obra *Psicologia e Pedagogia da criança* (2006). Como isto influencia a noção de obesidade? Trago para a discussão a palestra de Heidegger (2012b) referente à era da técnica. Na palestra, o filósofo analisa o período histórico que vivia e nos alertava sobre o perigo que é a alienação de um modo de ser e de uma atividade. A partir da reflexão dele, entendo que o descolamento da forma de sua motivação originária pode nos induzir a comportamentos engendrados por padronizações, as quais controlam e produzem corpos-máquinas, visando à utilidade e reprodutibilidade de tais padrões e corpos.

O alerta apresentado é fundamental para a atualidade ocidental e para o cuidado em saúde. O pensamento cientificista baseado em evidências produz instrumentos que se pretendem universal. A prática clínica é composta por instrumentos desatualizados que são descontextualizados de suas respectivas origens.

Durante minha infância, fui diversas vezes a médicas pediatras. Algumas coisas me incomodavam no exame que elas faziam. Além de precisar tirar a roupa diante delas, ser medido e pesado, os dados calculados observáveis pelas médicas eram submetidos a uma escala de crescimento normal. Evidentemente, essa escala apontava qual deveria ser a minha altura e peso, com base na minha idade. Lembro-me inclusive das previsões dessas escalas. “Seu filho terá 1,83m

quando crescer.” Dizia uma médica. Saíamos muito contentes porque, afinal, eu seria um homem heterossexual com altura próxima à esperada para um homem. Não teria problema com as meninas que não gostam de homens baixinhos, pensávamos.

Em determinado momento histórico, as visitas deixaram de ser alegres. Nem os brinquedos da sala de espera e os palitos saborizados utilizados para que a médica observasse minha garganta mudavam a sensação ruim que tinha nessas consultas. Cada vez mais envergonhado por tirar a roupa, ia me dando conta de que eu não cabia mais na régua das expectativas. Meu peso estava acima da média e assim foi até o dia em que ganhei o diagnóstico de obesidade.

Tudo era sobre o meu peso. Quer dizer, nem tudo. A mesma médica me encaminhou para um processo psicológico, porque, segundo ela, eu apresentava trejeitos femininos, além de gostar de dançar. A médica afirmava que, como ainda estava EM FASE DE DESENVOLVIMENTO, quem sabe, isto poderia ser revertido. Estávamos na virada dos anos 90 para os 2000.

Hoje tenho 1,66m, sou gay, gordo e sedentário. Fugi completamente de todas as previsões feitas pelas régua das expectativas. Da régua da médica, da psicóloga que me atenderia na época, da régua dos meus pais e da minha régua. Tudo era sobre o meu peso e meus trejeitos. Não importava o fato de eu ter as melhores notas na escola. De conseguir conversar com qualquer pessoa sem problemas. De ter auxiliado na alfabetização de minha avó que não pôde estudar. Tudo era sobre meu peso e meus trejeitos.

A etimologia da palavra trejeito vem do latim, *transjactum*, e significa gesto exagerado. *Trans* – através e *jactum*²³, particípio passado do verbo lançar. A criança com trejeitos é a criança que se lança através. Criança que transborda régua de expectativas e essa criança é desqualificada porque exagera. Tanto que assusta. Me assusta. Assusta um modo de organização de mundo. Tal organização favorece quem cabe nas régua e nos instrumentos e desfavorece as que atravessam as régua acumulando diagnósticos (ROSENBERG, 2002).

7.3 PELA DESTRUIÇÃO DA ILUSÃO CHAMADA DE AUTOESTIMA

²³Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/trejeito/> . Acesso em: 23 abr. 2022

Ontem (16/01/2022) foi ao ar o segundo episódio da segunda temporada de uma série chamada *Euphoria*. Sabe, leitor, ela está fazendo muito sucesso. Nesse episódio, a personagem Kat, adolescente gorda em época escolar, tem uma alucinação, na qual ícones representantes da liberdade do corpo na internet começam a assombrá-la. Esses ícones falam para ela sobre como ela deve se amar acima de tudo. Amar o corpo gordo dela. Falam que ela representa a força das mulheres que se aceitam e assim segue. A narradora fala: “Kat se odiava. Mas o problema em se odiar é que você não pode falar muito sobre isso. Porque em algum momento, o mundo inteiro se uniu a um culto de autoajuda e não calam a porra da boca sobre isso.” (Euphoria; 2022). As mulheres imaginárias ficam cada vez mais agressivas com chamados para Kat quebrar o patriarcado. Kat tenta argumentar e todas as respostas para ela são: “Apenas acredite em você mesma. Ame-se!” (Euphoria; 2022). A cena termina em um motim em que os ícones da internet vão sufocando Kat com o grito de guerra: “Ame-se!” (Euphoria; 2022).

Pois é, leitor, você acredita que conseguem, em nome de dinheiro, te fazer acreditar que um processo de emancipação pode ser reduzido a amor-próprio? À autoestima? Eu caí nessa armadilha há alguns anos. Eu olhava para o espelho e pensava: “Ok. Preciso me amar.”. Quanto mais eu olhava, mais eu percebia uma espinha nova, uma estria que antes não tinha. A marca das calças apertadas abaixo da minha barriga e não adiantava. Eu não me amava. Fazia poses de frente para o espelho, pensando na minha melhor pose e novamente eu não me amava. De repente, vem uma sensação de culpa e de cobrança: será que só eu não me amo? Será que preciso comprar roupas, maquiagens e procedimentos estéticos para aumentar a minha autoestima? Como se aumenta autoestima? Que raios é autoestima? Dificilmente apontam isso, mas colocam a autoestima como algo mágico, que vai mudar a vida das pessoas gordas, como se fizesse a gordofobia desaparecer. Como se ter autoestima elevada apagasse os efeitos da gordofobia, culpabilizando a pessoa gorda duplamente: 1. Porque não emagrece; 2. Porque é gorda e não tem autoestima.

Sabe, cada vez mais estou certo de que essa coisa de autoestima é história para boi dormir. Ou melhor, história para aquecer o mercado. Cada vez mais encontramos profissionais de saúde metidos a *couch* de autoestima fazendo lavagem cerebral em nossas cabeças. Quando me dou conta, estou me cobrando

para construir um sentimento sobre mim do absoluto nada e preciso, individualmente, fortalecer este sentimento a ponto de fazer disputa de forças com um mundo que me diz que gordo é feio.

Além de injusto com a pessoa que se vê obrigada a fabricar tal sentimento, essa diretriz de pensamento reforça uma lógica neoliberal e meritocrata cara ao mercado e à alienação política de que nós, militantes antigordofobia, somos acusados por todos os lados. Como se a mobilização gorda servisse para construir autoestima na população independente de raça, classe, gênero, sexualidade, regionalismos e tudo mais.

Sabe o que é pior? É que parte das pessoas que se autointitulam militante gorda acredita nisso mesmo. Concursos de miss *plus size*, revistas voltadas para o público feminino, programas de entretenimento cotidiano na televisão são instrumentos de manutenção da ideia de autoestima. São movimentos de alienação e amansamento de uma revolução.

E o que a psicologia tem a ver com isso? Primeiro preciso apontar para um movimento de desmonte do ensino em nosso país em todas as instâncias. Os cursos de psicologia não fogem desse desmonte. Cada vez mais vemos uma categoria com pouca capacidade de criticar e questionar as ferramentas e réguas disponíveis para o profissional. O movimento de bloqueirização das profissões é resposta dessa lógica neoliberal em que os empregos formais são desmontados e sucateados como consequência de um processo de desmonte das relações trabalhistas e da perda de direitos. Como não há emprego de qualidade para os brasileiros, a lógica do empreendedorismo foi maquiada e reapresentada como alternativa viável aos profissionais de psicologia. Somem as disciplinas de filosofia, história do conhecimento, processos psicológicos sócio-históricos e surgem disciplinas de marketing, publicidade, autopromoção, soluções práticas para as questões humanas em pequenos passos e assim por diante.

O discurso sedutor de cure sua depressão e sua ansiedade em alguns passos domina. Tamanha é a voracidade desses discursos que chegamos ao ponto de eliminar a diversidade do pensamento em psicologia, uma vez que os *five steps* cabem nos moldes biomédicos em saúde. E tem mais! E se eu te contasse que essa lógica não está presente somente no que concerne à prática da psicóloga, mas também nas pesquisas científicas em saúde?

7.4 (DES)AUTORIZAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA

Elejo aqui o que considero como intervenção mais famosa e mais agressiva para o combate à obesidade: a cirurgia bariátrica. Basicamente, trata-se de incapacitar a função de órgãos saudáveis no corpo humano. Há a variação entre intervenções mais agressivas e outras menos.

A menos agressiva consiste na aplicação de um balão no estômago do paciente com a finalidade de produzir sensação de saciedade com menor quantidade de alimentos. Segundo os manuais de medicina, essa intervenção dá menor resultado.

A mais agressiva põe um grampo em parte do estômago, além de cortar um pedaço do intestino. Trata-se de incapacitar parte significativa de dois órgãos fundamentais para o funcionamento humano. Com essa intervenção, a sensação de saciedade é estabelecida pelo organismo depois do consumo de pouquíssima alimentação. Além disso, ao reduzir o caminho da comida pelo intestino, há menor absorção dos nutrientes alimentares, significando no aumento do bolo fecal. Em síntese, faz-se uma intervenção para que se coma o menos possível e este menos possível ainda é mal absorvido pelo organismo. Há inclusive autores que comparam tal procedimento a uma intervenção de lobotomia.

Em conversa com minha médica, ela me relatou que o médico mais rico da turma dela de medicina é o médico que faz intervenções bariátricas. Trata-se de um mercado, como nos mostra Bárbara Michele Amorim (2018) em sua tese.

Existe quase nenhuma normativa no estabelecimento e nas avaliações para cirurgia bariátrica em nosso país. Apenas alguns consensos e não há obrigatoriedade de formação específica ou utilização de instrumento específico para tal. Cito aqui a experiência autoetnográfica de Jimenez-Jimenez (2020) em um ambulatório de preparo para cirurgia bariátrica e o trabalho fundamental da profissional de psicologia para que a autora se fortaleça para agir a partir do próprio desejo, contrariando, assim, um ato médico.

O mercado também chega no campo da psicologia. Em termos de normativas e justificativas para o ato restrito a psicólogo, há a escassez de discursos e os poucos que têm, não analisam tal intervenção criticamente, do

ponto de vista das complicações de tal intervenção. Há um caráter de aleatoriedade e legitimação do critério de psicólogos sem experiência e conhecimento sobre o assunto. Os mesmos psicólogos filhos de formações precárias e sucateadas.

Diante desse cenário, aponto para a urgência do cotejo de tais avaliações com a perspectiva antigordofóbica dos Estudos do Corpo Gordo, a fim de propor uma sistematização que envolva o pensamento crítico sobre o corpo gordo potente e não doente.

8 MAS, AFINAL, O QUE É PSICOLOGIA GORDA?

Estimado leitor, chegou a hora de responder sua pergunta. A partir do que discorri até aqui, entendo que estamos em um momento histórico de preocupação com as desigualdades no mundo. Psicologia deveria ser para todos. Também discorri durante a tese que ela acaba não sendo. A ideia de pessoa caracterizada pela psicologia e pelas ciências da saúde tradicionais é universal. Também já sabemos que a ideia de universalidade do humano é fruto de uma construção histórica violenta que exclui características históricas e sociais de grupos marginalizados. O corpo gordo é um segmento excluído historicamente e socialmente, uma vez que ele é caracterizado como doença que precisa ser eliminada.

Nessa perspectiva, proponho uma especificidade no campo da psicologia para o cuidado do corpo gordo, protagonizado pelo próprio corpo gordo. Essa especificidade compreende a exclusão histórica de pessoas gordas da nossa sociedade e a violência voltada a tal população: a gordofobia. Trata-se de uma possibilidade de cuidado psicossocial que contempla o enfrentamento à gordofobia.

A psicologia gorda está apoiada na proposta de epistemologia gorda de Malu Jimenez (2021) e amparada nos estudos do corpo gordo. Tal proposta destaca a criação de uma linguagem feita por pessoas gordas para o enfrentamento do epistemicídio histórico que nos coloca no lugar de pessoas doentes e nos exclui do acesso a direitos humanos básicos. Trata-se de uma disputa de discursos e poderes no campo da filosofia.

A psicologia gorda, com apoio na epistemologia gorda, não está restrita a uma abordagem ou prática psicológica. Seja no campo da produção de conhecimento, seja na elaboração de práticas psicológicas e instrumentos consequentes desta proposta revolucionária, pretendo dialogar com o campo da psicologia em sua diversidade. Dialogo com abordagens e segmentos que apresentam os seguintes pressupostos:

1. Gordofobia é uma violência estrutural contrária ao corpo gordo;
2. A experiência do corpo gordo não deve ser patologizada;

3. Entende-se que a pessoa humana é integral e diferente de divisões científicas e dualistas que resultam nas ideias de mente e corpo como elementos separados em diálogo.

4. A prática psicológica não está a serviço de um processo adaptativo, mas sim de um processo de elucidação do lugar da pessoa no mundo, com propósito de criação revolucionária. Ao invés de adaptar a pessoa a um mundo desigual, fortalecê-la para transformá-lo, rumo à libertação do corpo gordo;

5. A psicologia gorda não embasará práticas e instrumentos normativos para favorecimento de processos de eliminação do corpo gordo acriticamente;

6. A psicóloga que exerce o ofício alinhada aos princípios da psicologia gorda necessita de capacidade crítica e sensibilidade para o acolhimento, cuidado e transformação da pessoa gorda. Isto inclui o pressuposto de que saúde e doença são fenômenos da experiência humana, independente do formato do corpo dela;

7. É um direito da pessoa (gorda ou não) exercer hábitos e comportamentos quaisquer, independente de julgamentos por parte da profissional de psicologia;

8. É dever da profissional em psicologia criticar julgamentos morais e condenáveis consequentes de um discurso biomédico;

9. O objetivo do cuidado em Psicologia Gorda é auxiliar na construção de uma pessoa crítica e consciente sobre seus modos de existir;

10. Assim como não praticamos reorientação de sexualidades, a psicóloga não praticará orientação comportamental restritiva e punitiva com finalidade de modificação do corpo gordo;

11. É obrigatório à psicóloga o combate à gordofobia e de outras práticas de violação de Direitos Humanos em todas as instâncias de sua vida e áreas de atuação, construindo uma escuta e atuação não condenatórias.

12. É dever da psicóloga, assim como em outras temáticas na psicologia, a formação continuada em perspectiva antigordofóbica.

8.1 NOÇÃO DE SOFRIMENTO NO CORPO GORDO

Uma vez que um dos pressupostos básicos do campo de conhecimento inaugurado aqui – a Psicologia Gorda – é problematizar o cuidado do corpo gordo para além das propostas tradicionais no campo da saúde (gordura como doença e corpo gordo como praga a ser combatida), apresento brevemente considerações sobre os conceitos de saúde/doença, bem como as viradas epistemológicas nestes campos a partir intervenções críticas de autores da fenomenologia.

Como se mede a tristeza? Evidentemente não é possível medi-la. Por que não? Se nos aproximássemos de uma tristeza com um método de mensuração, a própria aproximação transgrediria o sentido de tristeza, e a tristeza como tal seria eliminada de antemão. O próprio propósito de medir neste caso seria uma transgressão contra o fenômeno como fenômeno. (HEIDEGGER; 2001 p. 109)

Heidegger, em diálogo com Boss nos Seminários de Zollikon (2001), desenvolve a crítica sobre os métodos quantitativos nas ciências da saúde. Apesar da crítica supracitada, o campo da saúde atualmente avança ainda mais a um saber-fazer precarizado, no que diz respeito ao método.

O exemplo elegido aqui é familiar no cotidiano das pessoas gordas: a conceituação da obesidade a partir da medição do Índice de Massa Corporal (IMC). A existência gorda é reduzida a um sentido engessado e cristalizado determinado pela mensuração de um corpo-epiderme, quando o próprio Heidegger (2001) nos alerta dos perigos destes reducionismos sobre o ser-do-corpo.

Apoiado por esta crítica ao saber biomédico sobre saúde e doença (CANGUILHEM, 2018); (ROSE, 2013), afirmo que o próprio conceito de sofrimento psíquico, quando relacionado à obesidade, é reduzido a quadros psicopatológicos (depressão, ansiedade) com a justificativa de que a pessoa obesa tem baixa autoestima, por ser gorda.

Penso justamente que esse reducionismo da experiência gorda motivado pela gordofobia pode ser um dos sentidos do sofrer.

O entendimento sobre o sofrer em psicologia gorda deve considerar a existência do corpo gordo em sua potencialidade ontológica.

Quando resta ao ser-do-corpo potencialidades restritas, segundo a fenomenologia existencial, há a experiência do sofrer (BOSS, 1977). É este o caráter oculto da saúde (GADAMER; 2011a) desconsiderado pelo saber

biomédico, quantitativo, reducionista e reproduzidor de índices modeladores do nosso viver.

8.2 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA GORDA

Leitorzineo, vamos elucidar um ponto: desde o dia em que fui apresentado a Paulo Freire, em 2009, penso em como posso construir um processo de ensino-aprendizagem rumo à consciência crítica do lugar de subalternidade e opressão que ocupamos no mundo. O tema da aula poderia ser a coisa mais aleatória que dou um jeito de remeter à capacidade crítica de cada pessoa. Não faço isso por movimento egóico ou qualquer coisa do tipo. Faço porque entendo que essa é a única forma de se trabalhar no campo da educação.

Minha surpresa foi ainda maior quando, mais recentemente, entrei em contato com os livros de bell hooks sobre educação (2017; 2020a; 2020b). A própria autora apresenta o afeto e a inspiração que tem na obra de Paulo Freire. A educação crítica e situada é transformada no olhar de hooks para se pensar opressões de origem racial e de gênero, pontos que não foram levantados pelo Patrono da Educação Brasileira. Freire, como todos nós, foi filho de seu tempo e sua trajetória o levou a olhar para a opressão como sistema de luta de classes.

O destaque que faço ao método Freiriano é caro aqui, pois esse método tem como base a alfabetização como meio de religar a pessoa ao seu próprio mundo. Tijolo é a palavra disparadora para trabalhadores operários, justamente, porque tijolo é o material de trabalho desses trabalhadores. A simplicidade do ligamento palavra à ação do trabalhador é tão potente que se transforma em um processo de (re)conhecimento da pessoa no mundo. Como se já não bastasse a ampliação crítica que o método oferece, ele ainda permite a abertura para o agir. Alfabetizar, para Paulo Freire (1996), é ampliar consciências e convocar que se aja diante da desigualdade rumo a utopia de um mundo sem opressão.

Fala sério, leitor, não é incrível? Incrível também é a crítica que Freire (1996) faz à educação bancária. Para esse pesquisador, os métodos tradicionais de educação sugerem que o aluno seja tábula rasa a ser preenchida com informações fixas, neutras, generalizáveis que se acumulam como uma poupança

bancária acumula. Ou pelo menos deveria. Hoje em dia a inflação é maior do que o tal rendimento que os bancos prometem.

O mercado do ensino superior particular está cada vez mais apoiado na educação bancária. Minha função como professor universitário é reduzida a um reprodutor de informações e instrumentos para aumento da eficácia dos alunos quando forem psicólogos. Sem autonomia para eleger os temas das aulas, a metodologia e a avaliação de minhas disciplinas, resta ao professor universitário resumir as informações contidas em um capítulo de livro sobre a abordagem.

Já perdi a conta da quantidade de vezes em que fui surpreendido por aluno com as seguintes queixas: “[...] o texto é muito difícil, muito longo, eu não li o texto porque você não o enviou escaneado por email para a turma. Professor, por que você não para de enrolar nos fazendo pensar na resposta e não fala logo de uma vez o que é o conceito?”

Outro elemento fundamental para contornar a situação da educação superior privada no nosso país é a vigilância. Mesmo que você proíba, suas aulas são gravadas pelos alunos. As informações que você disponibiliza em lousa ou em *slide* são fotografadas e serão utilizadas contra você. Processos administrativos serão criados pelos alunos lhe criticando por fazer o seu trabalho honestamente, por exemplo, apontar o plágio do aluno nos trabalhos. O simples fato de você estar próximo ao prazo de entrega de notas já o transforma em inimigo dos alunos. A sala de aula é um espaço sequestrado pela lógica judicial.

Imagino o que Foucault falaria se estivesse vivo atualmente no nosso país. Vigiar e punir não é mais atuação velada na educação – ao contrário, são ações incentivadas até por asseclas que se dizem políticos. A vigilância e a punição são o único modo possível no espaço formal de educação, pois as mantenedoras das maiores universidades particulares de nosso país transformaram a educação em mercadoria e os alunos em clientes. Esse movimento não é recente, mas ele foi intensificado com o advento da pandemia e a consequente obrigatoriedade do ensino à distância e o acúmulo de tarefas que a categoria passa a ter. É minha responsabilidade que todos os 180 alunos que não falam e não mostram seus rostos tenham condições e garantias de aprendizagem. Han (2015; 2018; 2019) apresenta uma crítica mais recente sobre as questões que levanto aqui.

O sonho da educação crítica é, muitas vezes, abdicado pelos trabalhadores da educação, pois, em geral, eles estão afogados em burocracia e adoecidos devido a assédio de por diversos lados. Cada vez mais todos os processos descritos aqui estão se intensificando. Matérias são transformadas em slides e questões para fazer na internet. Horas de trabalho do estagiário são inventadas para cumprir o regulamento dentro do prazo e assim segue.

Diante do cenário de avanço da precarização e sucateamento do ensino superior, somado ao desmonte de políticas públicas e ministérios, a pergunta que faço é: como formar nossos estudantes de psicologia para o tema do corpo gordo? Como ensinar psicologia gorda para corpos que sequer estão presentes nos territórios, uma vez que, com o avanço da pandemia, o aluno, ao mesmo tempo que faz os estágios práticos nos territórios, está na própria residência sem qualquer interação material com o público atendido?

O que abordo aqui é a ideia de que implicar o aluno nos serviços que eles precisam praticar é extremamente volátil quando a relação se dá por quadrados de *software* de vídeo chamada. Se eu parto do pressuposto de que o cuidado em psicologia não pode ser reduzido a uma experiência meramente racional e intelectual, eu assumo que somos privados de contato na telerrelação. Os toques, os cheiros, as nuances de um frio na espinha ou de borboletas no estômago são eliminados da relação.

Além disso, há a implicação de um profissional que, magro, foi criado para ver o corpo gordo como feio e doente. De que forma esse profissional vai se afastar dos seus próprios pressupostos e preconceitos?

Exercer psicologia gorda é transbordar as réguas do pensamento cartesiano e positivista. O cuidado em psicologia gorda é um tipo de cuidado não baseado em técnicas limpas de mundo, de cheiros, de afetos, de risadas e de outras emoções. Somente baseado nesse paradigma conseguimos romper com o olhar preconizante do corpo gordo como doente.

Portanto, leitor, afirmo: ensinar psicologia gorda é encontrar a brecha de um sistema desinteressado do pensamento crítico e construir pensamento crítico, pensamento afetado de trejeitos, como esboçado por Chrisler (2017). Pensamento que sensibiliza todos os corpos para o cuidado do corpo gordo e para o enfrentamento da gordofobia.

Ensinar psicologia gorda é um processo de leitura de mundo que, assim como em Freire, inicia na leitura da palavra disparadora – gordofobia – até a orientação de práticas que não reafirmam o poder biomédico. Parece simples, mas não é. Letramento em psicologia é sobre fazer com que os alunos pensem o cuidado de si (FOUCAULT, 2012) e, finalmente, religuem o ofício de cuidar ao mundo do estudante subalterno com um convite: vamos lutar pela utopia de um mundo sem desigualdade?

8.3 POSSIBILIDADES DE ESTUDOS EM PSICOLOGIA GORDA

Leitor, como seguir daqui para frente dentro do campo inaugurado? Proponho a retomada dos pontos apresentados neste capítulo. Inauguração, conceituação e embasamento epistemológico de um território novo na psicologia; Conceituação da pessoa que sofre e do próprio sofrimento característico desse campo; Educação para a questão norteadora desse campo e, finalmente, maneiras de dar continuidade a estudos desse campo.

Apresento sucintamente indicações de pesquisas:

- Atravessamento de Psicologia Gorda com temas interseccionais (raça, classe, gênero, sexualidade etc.);

- Perspectivas de Psicologia Gorda pelas diversas abordagens em psicologia;

- Conexões de psicologia gorda aos grandes temas em psicologia. A saber, clínica, políticas públicas, educação, família, trabalho, esporte, avaliação, práticas psicossociais, psicologia hospitalar e assim segue;

- Pesquisas de caráter interventivo que relacionem práticas psicológicas e Psicologia Gorda;

- Aproximações e limites da Psicologia Gorda com disciplinas fora do campo da própria psicologia.

- O próprio aprofundamento dos tópicos apresentados nesta tese de caráter panorâmico. Se meu trabalho até aqui foi o de sobrevoar por diferentes sabores do mesmo caldo, uma indicação de continuidade possível seria a imersão em cada sabor.

QUARTA TENTATIVA: DE VOLTA AO MEU CORPO GORDO

Estimado leitor, tenho certeza de que a essa altura do campeonato você já odeia todas as maneiras pelas quais me referi a você. Estou no dia da entrega da tese, acumulando uma noite sem dormir para finalizar este trabalho. O que me motiva agora é somente o ódio e o café. Estou para conhecer aluno de pós-graduação que não se perguntou: “Por que eu inventei de fazer mestrado/doutorado?”.

Se até o Gil do Vigor, economista popular, ex-participante de Big Brother Brasil, riquíssimo, aprovado para fazer o PHD nos Estados Unidos, trancou o doutorado para fazer propaganda de banco e de loja de varejos, você acha mesmo que eu, cultivador de olheiras profundas, mesmo com a rotina de *skincare* em dia, estaria escrevendo esta tentativa de conclusão com um sorriso no rosto e a graciosidade de uma bailarina?

Veja bem. Não. Não mesmo.

Aliás, penso ser o momento oportuno para me perguntar sobre o sentido de fazer um doutorado em um país que desmontou todos os órgãos federais de incentivo à pesquisa. Um país que considera um doutor qualificado demais para vagas de empregos privados. Um país que inventa rituais de humilhação maquiados de concursos íntegros sem falcatruas com cartas marcadas para ingresso nas universidades. Um país que não reajusta a bolsa de pesquisa há anos. Um país governado por genocidas interessados no proveito próprio acima do interesse comum.

Difícil. Talvez nós, estudantes de pós-graduação, sejamos sádicos invictos. É uma explicação plausível.

Chega de devaneios! Voltemos ao ponto de partida. O meu corpo gordo. Acredito que você ficará feliz em saber que o tratamento deu certo. Meus índices metabólicos do fígado voltaram à normalidade em seis meses. Olha só:

Dosagem sérica de
Colesterol 228 mg/dL
Material: Soro

Dosagem sérica de
Colesterol HDL 35 mg/dL
Material: Soro
Método: Colorimétrico – Enzimático

Colesterol NAO HDL
Material: Soro
Método: Calculado
Resultado 193 mg/dL

Valor calculado de
Colesterol LDL 155 mg/dL

Valor calculado de
Colesterol VLDL 38 mg/dL

Dosagem sérica de
Triglicérides 188 mg/dL
Material: Soro
Método: Colorimétrico – Peroxidase

Dosagem sérica de TGO/AST
Transaminase Glutâmico Oxalacética 20 U/L
Material: Soro
Método: Cinético – IFCC

Dosagem sérica de
TGP/ALT Transaminase Glutâmico Pirúvica 48 U/L
Material: Soro
Método: Cinético – IFCC

Dosagem sérica de
GGT - Gama Glutamil Transferase 36 U/L

Material: Soro

Método: Cinético - SZASZ²⁴

Minha médica gostaria que eu continuasse com o tratamento. Afinal, foi um sucesso! Eu não topei. Apesar do sucesso nos exames metabólicos, não são medidas às vezes em que quase desmaiei de fome, mas não conseguia comer porque tudo me enjoava e enjoava. Também não são medidas as punições que meu corpo exercia sobre mim quando eu decidia comer um lanche do McDonald's. Não aparece no exame de sangue as dores de estômago, os processos de refluxo e a dor que se intensificava a cada aplicação na minha barriga. Aquela barriga indigna de *post* no *Instagram*. Será esse o conceito de barriga negativa?

Meu exame de sangue não mediu minha compulsão, a tristeza que virou o ato de comer, um dos poucos mecanismos compensatórios possíveis em um período de guerra biológica que vivemos. Também não mediu o provável transtorno alimentar que carrego comigo desde então. Afinal, de que adianta gastar quase R\$6.000,00 em um tratamento, para engordar de novo depois?

Spoiler: engordei. O que me mantém levemente são é o fato de que não engordei tudo que perdi.

Minha orientadora estava aprendendo a tocar sanfona. Será que ela já está tocando muito? Ela é bem boa nas habilidades musicais.

Viajei, volta! Volta! Volta!

Voltemos à tese: estou aqui imaginando todas as perguntas dignas à sua imagem e à sua altura, leitorzão. Você se pergunta:

- Só isso? Número de páginas tão pequeno que é quase negativo.
- Você quer entregar uma tese de doutorado que já é claramente um diário pessoal com a pretensão de apresentar conhecimento novo?
- Quem você pensa que é? Acha mesmo que tem gabarito para ~~~inaugurar~~~ um campo novo?
- Tá achando que criou a próxima literatura digna do prêmio Jabuti?

²⁴ Informações extraídas de exame metabólico particular do dia 02/09/2021.

- Tá Fazendo a linha Cristian Dunker em *O palhaço e o psicanalista*? Está mais para Cristian Dunker em vou fazer um vídeo criticando algo com pouco embasamento e muita emoção, como se eu fosse o Datena.

- Tá achando que tese é dancinha de Tiktok, é? Vai se tratar, garota!

- Aproveita o convênio do seu emprego que você tanto critica e já agenda a bariátrica, pança!

Já te contei que meu pai sempre me chamou de pança? Uma vez, em plena adolescência, ele me chamou de pança na frente de todos os meus amigos. Foi tenso.

Viajei, volta! Volta! Volta!

A verdade é que você tem razão, meu leitor. A tese que está mais para uma farsa é minha maneira de te dizer que eu não me livre de uma sociedade medida pela perspectiva biomédica que preza pelo fim de minha corporeidade gorda.

O futuro doutor em psicologia e educação é o farsante que ousa dar uma barrigada no mundo.

Resisto! Eu sou meu corpo. Meu corpo gordo existe! Meu corpo gordo é o meu mundo! Meu corpo gordo transforma, justamente, porque não cabe nas suas régua medíocres. Meu corpo gordo cuida, educa, ensina, afeta. Meu vômito é resultado de uma navegação intensa pelo meu mar adiposo. Você navegou comigo também, não foi? Como foi?

(A linguagem textual muda para texto dramático. Em cena, estão Felipe e Leitor.)

Leitor: Foi... Né?

Felipe: Você fala? Você existe? Eu estou o tempo todo achando que você é uma bela desculpa para encher linguiça no meu texto.

Leitor: Sim. Eu estive aqui o tempo todo. Penso que você inclusive me conhece. Eu sou você. Sabe aquele seu pedaço que não te leva a sério? Prazer! Aquele que lá no fundo, quase inacessível, deseja o corpo magro, marcado pelos gominhos da academia? Aquele que até se interessou pela cirurgia de aumento peniano feita pelo participante da última edição da Fazenda? Euzinho! Pensa na cena de Steven Universe em que o Steven atravessa as várias versões da Pearl

para descobrir a verdade sobre si. Eu sou o Steven, as várias Pearls e a verdade sobre si também. Pensa na boneca típica da Rússia. Pensa no efeito cebola que o *coach* fala no vídeo com a psicóloga-ruiva-descolada-alternativa-certeza-que-não-tem-problemas-com-o-próprio-corpo. Sou eu. Bú!

O impostor da sua síndrome do impostor. O vilão da sua novela. O Darth Vaider falando para o Luke que é seu pai. Eu sou o Darth Vaider e o Luke. Só que no nosso caso não estamos em uma luta maneira. Estamos no palco do Ratinho ou da Márcia Goldschmidt, como você preferir, e o teste de DNA está pronto. Eu sou seu pai, Luke, e estou aqui para te dizer que você não vai ter seu final Natalie Portman em *O Cisne Negro*. Isto aqui não é um movimento catártico de libertação do seu corpo gordo. Isto é uma tese de doutorado que merece seriedade e respeito com a tradição. Eu não vou deixar você fazer deste ritual o que você bem entende. Eu estarei lá na defesa. Acenarei para você se lembrar que você é uma mentira! Tá passada?

Felipe: Olha, até que estou. Eu jamais imaginaria que depois da noite sem dormir, dos litros de café, eu estaria te expondo publicamente. A verdade é que estou. Se este processo tem a pretensão de olhar para o (meu) corpo gordo via autoetnografia, serei o mais fiel possível ao meu método e às minhas narrativas. Isto inclui te reconhecer. Inclui te dizer que todas as minhas referências, acadêmicas ou não, foram pensadas uma a uma para compor minhas narrativas. Inclui olhar para o nosso corpo gordo sem romantizar a liberdade. Vamos levar muitas vidas para nos limparmos da pintura biomédica e tantas outras vidas para desenhar o corpo criação, o corpo possibilidade. Nosso ciborgue é tudo isso. É sobre isso. E tá tudo bem!

Leitor: Pronto. Você vai encerrar a sua tese com o maior clichê de blogueiras na história?

Felipe: Sim. Afinal, quem me conhece, sabe. O farsante que habita em nós sempre foi o nosso charme. O nosso jeitinho. Não é mesmo?

Ah! Antes que eu me esqueça, a vacinação para crianças de 5 a 11 anos contra covid foi aprovada. Quem sabe isto não é um indício de tempos melhores...

REFERÊNCIAS

ALTHEIA, P. **Não Sou Exposição**: questionamentos sobre imagem corporal, autoestima e saúde. 1a ed. Belo Horizonte: Quintal edições, v. 1, 2019.

AMORIM, B M. **Novo corpo, nova vida**: o mercado de cirurgia bariátrica em perspectiva sociológica. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

ANDERSON, J. Whose Voice Counts? a critical examination of discourses surrounding the body mass index. **Fat Studies**, Abingdon, p. 195-207, jun. 2012.

ANDRADE, A. N.; MORATO, H. T. P. Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 345-353, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200017>.

ANTUNES, A.; TATIT, P. **Cabimento**. São Paulo: BMG, 2004. (178min.).

ARRUDA, A. **O Peso e a Mídia**: as faces da gordofobia. 1a. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2021.

BACON, L.; APHRAMOR, L. **Body Respect**: what conventional health books get wrong, leave out, and just plain fail to understand about weight. Dallas: BenBella Books, 2014.

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. E-book de Kindle. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

BARROS, M. de. **O livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro. Alfaguarra. 2016.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BARROS, M. **Um lugar para ser gorda**: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2017.

BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia e Compromisso Social**. 2a. ed. rev. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BOSS, M. **Angústia, Culpa e Libertação**. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

BRETON, D. **Adeus ao Corpo**: antropologia e sociedade. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2013. Vol. 1.

BRETON, D. L. **A Sociologia do Corpo**. 6aed.; 4a reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. Vol. 1.

BUTLER, J. **Relatar a Si Mesmo**: crítica da violência ética. 1a. ed; 3a. reimpressão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

CABRAL, B. E.; MORATO, H. T. P. A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. *In*: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs.). **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. 1a. edição. Curitiba: Juruá, 2013. p. 160-181.

CAMERON, E.; RUSSEL, C. (Org.). **The Fat Pedagogy Reader**: challenging weight-based oppression through critical education. Nova Iorque: Peter Lang, 2016.

CAMERON, E.; WATKINS, P. L. Fat pedagogy: Improving teaching and learning for everyBODY. **Fat Studies: an interdisciplinary journal of body weight and society**, Abingdon, 10 novembro 2017. 1-10.

CANGUILHEIM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

CASTILLO, C. A. **La Cerda Punk**: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista & antiespecista. Valparaíso: Trío Editorial, 2014.

CHRISLER, J. C. Teaching health psychology from a size-acceptance perspective. **Fat Studies: An Interdisciplinary Journal of body weight and society**, Abingdon, p. 33-43., nov. 2017.

COOPER, C. Fat Studies: mapping the field. **Sociology Compass**, Hoboken, p. 1020-1034, dez. 2010.

COOPER, C. A queer and trans fat activist timeline: queering fat activist nationality and cultural imperialism. **Fat Studies**, Abingdon, p. 61-74, jan. 2012.

COOPER, C. **Fat Activism**: a radical social movement. E-book Kindle. 1a. ed. [S.l.]: HammerOn Press, 2016.

COURTINE, J.-J. **Decifrar o Corpo**: pensar com Foucault. 1a. ed; 4a. reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CRITELLI, D. **História Pessoal e Sentido da Vida**: historiobiografia. 1a. ed.; 2a. reimpressão. São Paulo: EDUC editora da PUC-SP: FAPESP, 2015.

EUPHORIA. Episódio: **Out Of Touch**. Produção de Sam Levinson; Drake; Future the Prince; Ron Leshem; Daphna Levin; Tmira Yardeni; Ravi Nandan; Kevin

Turen; Hadas Mozes Lichtenstein; Mirit Toovi; Yoram Mokadi; Gary Lennon. Intérpretes: Zendaya; Maude Apatow; Angus Cloud; Eric Dane; Ilexa Demie; Jacob Elordi; Barbie Ferreira; Nika King; Storm Reid; Hunter Schafer; Algee Smith; Sydney Sweeney; Colman Domingo; Javon Walton; Austin Abrams; Dominic Fike. Roteiro: Sam Levinson. Los Angeles. A24 Television; The Reasonable Bunch; Little Lamb; DreamCrew; TCDY Productions. Episódio 2. Segunda temporada. 2022. (57 min). Disponível em: https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYbjYPgTHVnkerGAAAAH_:type:episode Acesso em: 16 jan. 2022.

FACHIM, F. L. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTTT na escola pública?**: estudo em uma EMEF à luz do pensamento fenomenológico. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

FIGUEIREDO, I. **A Gorda**. Lisboa: Editorial Caminho, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 37a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 1ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FULLER, C. **The Fat Lady Sings**: a psychological exploration of the cultural fat complex and its effects. 2a. edição. ed. Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis Group, 2018.

GADAMER, H.-G. **O caráter oculto da saúde**. 2a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011a.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método II**: complementos e índices. 6a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011b.

GAMA, F. A Autoetnografia como Método Criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, Brasília, p. 188-208, mai./ago. 2020.

GARCIA, C. C. **O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris**: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2017a.

GARCIA, C. C. Desconstruir Pedagogicamente a Anormalidade Corporal. *In*: GARCIA, C. C. (Org.). **O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris**: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2017b. p. 192.

- GARCIA, C. C. **Hambre del Alma**: escritoras e o banquete das palavras. 1a. ed. São Paulo: Editora Limiar, 2007.
- GAY, R. **Bad Feminist**: essays. 1a. ed. Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 2014.
- GAY, R. **Fome**: uma autobiografia do (meu) corpo. 1a. ed. São Paulo: Globo Livros, 2017.
- GILMAN, S. **Fat**: a cultural history of obesity. Cambridge: Polity Press, 2008.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (E-book). [S.l.]: [s.n.], 2004.
- HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço**. 1ª ed. Petrópolis: editora Vozes, 2015.
- HAN, B-C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas do poder. 1ª ed. Belo Horizonte: editora Âyiné, 2018.
- HAN, B-C. **O que é Poder?**. 1ª ed. Petrópolis: editora Vozes, 2019.
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. 1ª. ed. São Paulo: EDUC. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *In*: HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. 8ª. ed. São Paulo: Vozes, 2012a.
- HEIDEGGER, M. Ciência e Pensamento do Sentido. *In*: HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. 8ª. ed. São Paulo: Vozes, 2012b.
- HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: D P & A, 2003.
- HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2a. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, B. **Ensinando Pensamento Crítico**: sabedoria prática. 1a. ed. São Paulo: Elefante, 2020a.
- HOOKS, B. **Tudo Sobre o Amor**: novas perspectivas. 1a. ed. São Paulo: Elefante, 2020b.
- JIMENEZ-JIMENEZ, M. **Lute Como uma Gorda**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2020.
- JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Epistemologias do Sul**, n. 4, p. 144-161, 2021.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; DA SILVA, M. J. Feminismo Gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. **Revista Ártemis**, n. 31, p. 322-335, 2021.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SANTOS, C. R. D. Gordofobia na escola: lute como uma gordinha. *In*: OLIVEIRA, V. M. D.; FILGUEIRA, A. L. D. S.; SILVA, L. M. F. E. (Orgs.). **Corpo**: corporeidade e diversidade na educação. E-book. Uberlândia: Culturatrix, 2021.

LEBESCO, K. Epistemologies of Fatness: the political contours of embodiment in fat studies. E-book Kindle. *In*: CASPER, M. J.; CURRAH, P. (Org.). **Corpus**: an interdisciplinary reader on bodies and knowledge. 1a. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2011.

LUNA, S. V. de. **Planejamento da Pesquisa**: uma introdução. 1ª. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

MACHADO, A. M.; CARDOSO, S. G. (Org.). **A escrita como exercício em processos formativos**. 1ª. ed. São Paulo: Blucher, 2021.

MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty & a Educação**. 1a. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. Coleção Pensadores & Educação.

MELLO, A. G. D. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas 1948**. 1a. ed. Trad. Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. 1a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e Pedagogia da Criança**: curso da Sorbonne 1949-1952. Trad. Ivone C. Benedetti. 1a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 5a. ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MORENO, L. **Gorda Vanidosa**. 1a. ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Ariel, 2018.

MÜLLER, H. **Medeamaterial e outros textos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

NAVIE; LAINÉ, A. **Duplo Eu**. 1a. ed. São Paulo: Nemo, 2019.

ORBACH, S. **Fat is a Feminist Issue**. Londres: Cornerstone Digital, 2010.

POULAIN, J.-P. **Sociologia da Obesidade**. 1a. ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

RANGEL, N. F. D. A. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2018.

RAPOSO, L. C. Antigordofobia em perspectiva decolonial. **Resista! Observatório de resistências plurais**, 2020. Disponível em: <https://resistadotblog.wordpress.com/2020/11/17/antigordofobia-em-perspectiva-decolonial/>. Acesso em: 03 janeiro 2022.

RODRIGUEZ, A. M.; MONTALBETTI, C. L.; SCHMITT, E. Dossiê: Gordofobia em tempos de covid-19 & Ativismo(s) gorde(s) desde Abya Yala. **Revista Mais que Amelias**, n. 8, 2021.

ROSE, N. **A Política da Própria Vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. 1a. edição. ed. São Paulo: Editora Paulus, v. 1, 2013.

ROSENBERG, C. E. The tyranny of diagnosis: specific entities and individual experience. **The Milbank Quarterly**, Malden, 80, n. 2, p. 237-260, 2002.

SANT'ANNA, D. B. D. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 1a. edição. ed. São Paulo: Estação Liberdade, v. 1, 2001.

SANT'ANNA, D. B. D. **História da Beleza no Brasil**. 1a. edição. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2014.

SANT'ANNA, D. B. D. **Gordos, Magros e Obesos**: uma história do peso no Brasil. 1a. edição. ed. São Paulo: Estação Liberdade, v. 1, 2016.

SCHMIDT, M. L. S. Etnografia e Fenomenologia: escrita e alteridade. *In*: CABRAL, B. E. B. et al. (Orgs.). **Práticas em pesquisa e pesquisa como prática**: experimentações em psicologia. 1a. ed. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 31-48.

SCHMIDT, M. L.; BARRETO, C. L. T. GT- Práticas psicológicas em instituições: atenção, desconstrução e invenção. *In*: SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO ANPEPP, XVI, Maceió, 2016. **Anais...**, Maceió, 2016. Disponível em: https://www.simpósio2016.anpepp.org.br/resources/anais/25/1449092806_ARQUIVO_ANPEPP-PropostaGT2016final.pdf. Acesso em: 02 jan. 2022.

SOUTO, A. Os indígenas na cartografia da América lusitana. **Ciências Humanas**, Belém, vol. 12, n. 3, p. 817-837, dez. 2017.

STRINGS, S. **Fearing the black body**: the racial origins of fatphobia. 1ª ed. Nova Iorque: New York University Press, 2019.

SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM, F. L. Interpretação como desocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa **Pro-Posições**, v. 30, e20180014, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0014>.

SZYMANSKI, L.; FACHIM, F. Contribuições do Pensamento Fenomenológico Existencial e Hermenêutico no Processo de Construção e Análise da Pesquisa Qualitativa, Interventiva e Dialógica. *In*: CABRAL, B. E. B. et al. (Orgs.). **Práticas em pesquisa e pesquisa como prática**: experimentações em psicologia. 1a. ed. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 67-84.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 15a. edição. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, v. 1, 2020.

VIGARELLO, G. **As Metamorfoses do Gordo**: história da obesidade no Ocidente. 1a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

VIGARELLO, G. **O Sentimento de si**: história da percepção do corpo séculos XVI - XX. 1a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

Referências bibliográficas da revisão sistemática:

América Latina

- 1 ALMEIDA, Lysia da Silva. Você pode ser gorda: questões para os feminismos. **Estudos feministas**, v. 28, n. 2, 2020.
- 2 URÍA, Amaia Álvarez; MÉNDEZ, Raquel (Lucas) Platero; VILLENA, María Rosón. El «estilo de la carne» en Maikrux y Falete: feminidad, humor y agencia. **Feminismo/s** (Universidad de Alicante), v. 24, 2014.
- 3 SCHLIEMANN, Ana Laura; SOUZA, Giovanna Leite de; FIGUEREDO, Isabella Vitória. Preconceito e saúde: uma relação que precisa ser cuidada. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 22, n. Supl., 2020.
- 4 ARA, Glaucia Muniz Proença; GOMES, Tânia Maria de Oliveira. As pin-ups contemporâneas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1–15, 2019.
- 5 ARAÚJO, Lidiane Silva de. **Representações Sociais da Obesidade: identidade e estigma**. 2017. Tese (doutorado) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento De Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Doutorado em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 2017.
- 6 ARAÚJO, Lidiane Silva *et al.* Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em estudo**, v. 23, 2018.
- 7 AREAL, Cristiane de Castro. Crenças e expectativas do paciente bariátrico após procedimento cirúrgico para obesidade.
- 8 ARIAS RODRÍGUEZ, Alicia. La cimentación social del concepto mujer en la red social Facebook. **Revista investigación educativa**, v. 35, n. 1, p. 181, 2016.
- 9 ARNAIZ, Mabel Gracia. De la lipofobia al lipofobismo: imágenes y experiencias en torno de la obesidad. p. 7, 2014.
- 10 ARRUDA, Agnes de Sousa, O nome dela é Jenifer: representatividade gorda importa, **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 75–93, 2021.

- 11 BAUMGARTEL, Stephan. A exposição de um corpo qualquer singular: performatividade e discursividade na performance em dança SOB Medida. **Arte da Cena (Art on Stage)**, v. 7, n. 1, p. 54–74, 2021.
- 12 GAMA, Beatriz Klimeck; LUPTON, Deborah. 2018. Fat. 2ª Ed. Nova Iorque: Routledge. 128p, **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 36, p. 370, 2020.
- 13 BELTRAME, Carlota. Debate Caliente. **Telar**, n. 26, p. 55–60, 2021.
- 14 BENTO, Nárgila Mara da Silva; MÉLO, Roberta De Sousa. “A cabeça continua de gordo”: dilemas da gestão de si de pessoas submetidas à cirurgia bariátrica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. e25073, 2019.
- 15 CAETANO, Virgínia Barbosa Lucena. Corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos, p. 118, 2019.
- 16 CARMO, Íris Nery do. O perigo das dobras: iconografias e corporalidades no feminismo contemporâneo. **Sociologia & Antropologia**, v. 8, n. 1, p. 193–222, 2018.
- 17 COUTO JR., Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 11, n. 2, p. 17, 2019.
- 18 SOUZA, Valdelice Cruz; GONÇALVES, Josiane Peres. Relações entre gordofobia e teoria Histórico-Cultural: interfaces com a educação. **Itinerarius Reflectionis**, v. 17, n. 2, p. 1–18, 2021.
- 19 LIMA, Dulcilei da Conceição; PINEZI, Ana Keila Mosca. The approaches on intersectionality in three feminist blogs. **Ciências sociais UNISINOS**, v. 55, n. 1, p. 54, 2019.
- 20 Facebook bloqueia anúncio de evento de moda plus size: 'politica de saude pessoal', **O Globo de Brasil**, 2021.
- 21 FURTADO, Everley Rosane Goetz, Representações sociais do corpo, mídia e atitudes, p. 459, 2009.
- 22 GALLARDO, Ana. Gordofobia: Una deuda en el campo de la psicología. **Perspectivas**, Universidad Católica Blas Cañas, p. 151–168, 2021.

- 23 GAMA, Beatriz Klimeck Gouvêa. "Anorexia? Não, olha seu tamanho": anorexia nervosa "atípica" em mulheres gordas, p. 118, 2020.
- 24 Gordofobia: laudo e desinformação viram obstáculos para vacinação contra a Covid-19 de pessoas com obesidade. **O Globo de Brasil**, 2021.
- 25 GUERRERO SALAZAR, Susana. Lexico y ideología sobre la gordofobia en la comunicación digital. **Círculo de lingüística aplicada a la comunicación**, v. 83, p. 93–107, 2020.
- 26 GÓMEZ, Isabel López. Barbarismos Queer y Otras Esdrújulas. **Masculinidades Y Cambio Social = Masculinities & Social Change**, v. 8, n. 1, p. 113, 2019.
- 27 BELTRÁN, Iván Gómez. Grindr y la masculinidad hegemónica: aproximación comparativa al rechazo de la feminidad. **Estudios sociológicos**, v. 37, n. 109, p. 39–68, 2019.
- 28 JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; PIONÓRIO, Luciana, Se não me cabe, não me serve: gordofobia na moda plus size, **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 170–189, 2021.
- 29 JIMENEZ-JIMENEZ, Maria L.J; DA SILVA, Marcelle J. Feminismo gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários, **Revista Ártemis**, v. 31, n. 1, p. 322, 2021.
- 30 JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia na moda plus size, **Signos do Consumo**, v. 13, n. 1, p. 111–113, 2021.
- 31 JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Lute Como uma Gorda: gordofobia resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação e Artes, Programa De Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2020.
- 32 Justiça condena empresa de ônibus a pagar R\$ 12 mil em indenização a vítima de gordofobia, no DF, **O Globo de Brasil**, 2021.
- 33 KLIMECK, Beatriz; AZIZE, Rogerio. "Fat studies" e a produção de conhecimento situado: notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso. **Enfoques**, p. 1-9, 2019.

- 34 LARGE, Sophie, El activismo queer, feminista y decolonial en la literatura de Yolanda Arroyo Pizarro: por un pensamiento de la Relación, **Centro journal**, v. 30, n. 2, p. 254, 2018.
- 35 LEITE, Carla de Meira, **O universo simbólico da mulher obesa**. Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- 36 LIMA, Stephanie Pereira de. Os limites da “experiência” e da “liberdade” no Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES). **Sexualidad, salud y sociedad**, n. 25, p. 256–276, 2017.
- 37 MALDONADO RAMIREZ, Jhonatthan; PLATERO, Lucas, **Methaodos: revista de ciencias sociales**, v. 5, n. 2, p. 360–362, 2017.
- 38 MENÉNDEZ-MENÉNDEZ, Maria Isabel. Entre la cooptación y la resistencia: de la Femvertising a la Publicidad Profem, **Recerca: revista de pensament i anàlisi**, v. 24, n. 2, p. 15, 2019.
- 39 MATOS, Cynthia de Holanda Sousa; LOPES, Humberto Pinheiro, Sociedade gordofóbica: discursos relativos ao vestuário de gordas, **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 135–152, 2021.
- 40 MELLO, Cleide. A contemporaneidade de Goffman em tempos de redes sociais: reações a uma denúncia de racismo **Veredas**, v. 25, n. 1, p. 233, 2021.
- 41 MENEZES, Camila Ferraz Jucá; FERREIRA, Rebeca Luisa Passos; MÉLO, Roberta de Sousa. Imagina ela nua!: Experiências de mulheres que se autodeclararam gordas. **Estudos feministas**, v. 28, n. 2, p. 1–13, 2020.
- 42 METZ, Márcia. Atrizes gordas também usam figurinos. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 94–110, 2021.
- 43 NAVAJAS-PERTEGÁS, Nina. Deberías adelgazar, te lo digo porque te quiero: reflexiones autoetnográficas sobre la gordura. **Athenea digital**, v. 21, n. 1, 2021.

- 44 NOGUEIRA, Natania. Um breve panorama do humor nos quadrinhos feministas suecos a partir da obra de Nina Hemmingsson, Malin Biller e Liv Stronquist, **Revista Ártemis**, v. 26, n. 1, p. 104, 2018.
- 45 NAVARRO, Pablo. Transfeminismo y activismos queer: emergencia y cohabitación en las fronteras de la coalición. **Recerca : revista de pensament i anàlisi**, v. 24, n. 2, p. 151, 2019.
- 46 PAIM, Marina Bastos. Os corpos gordos merecem ser vividos. **Estudos feministas**, v. 27, n. 1, 2019.
- 47 PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 1, p. e190227, 2020.
- 48 PENAS, Evelyn Cristina de Sousa; GERMANO, Idilva Maria Pires. Dieta para emagrecer o preconceito contra gordos: discursos anti-gordofobia no YouTube. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre , v. 11, n. 1, p. 45-64, abr. 2021.
- 49 PEREIRA, Mayara Custódio. **Gordofobia**: uma análise sobre a percepção de discriminação baseada no peso. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de Fortaleza. Programa de Mestrado Em Psicologia, Fortaleza, 2019.
- 50 PERES VERTHEIN, Ursula; GASPAR, Maria Clara Prata. Normativizando o comer: análise crítica de guias alimentares brasileiros e espanhóis no contexto da pandemia de COVID-19. **Ciência & saude coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1429, 2021.
- 51 PFUETZENREITER, Nataniele Patricia Bohn. **Obesidade sob o olhar antropológico**: Etnografia online do movimento plus size. Dissertação. Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Católica de Santos. 2019.
- 52 PINTO, Samuel Saliba Morera. Tirania e gordofobia. **Unisul de Fato e de Direito**, v. 11, n. 23, p. 181, 2021.
- 53 Prohíbe tener huéspedes “gordos” en su alojamiento: El alojamiento fue duramente criticado y por ello se retiró del sitio web, **La Opinión**, 2020.

- 54 QUIRÓS SÁNCHEZ, Gabriela. Gordofobia: existencia de un cuerpo negado. Análisis de las implicaciones subjetivas del cuerpo gordo en la sociedad moderna. **Revista latinoamericana de derechos humanos**, Heredia, Costa Rica, v. 32, n. 1, 2021.
- 55 RANGEL, Valeska Bernardo; DE CAMPOS, Gizely Cesconetto. Percepções da alteridade na visualidade contemporânea: como nos posicionamos diante do Outro em situações distantes da nossa. **Matéria-prima: práticas artísticas no ensino básico e secundário**, v. 6, n. 1, p. 60, 2018.
- 56 RODRIGUES, Alexandre. Onde os gordos não tem vez. **Super interessante**, n. 325, p. 72, 2013.
- 57 Rosa, Janaína Paula Marques da. **Um corpo no mundo**: as subjetividades discursivas no relato de empoderamento de uma mulher gorda através do feminismo. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal da Fronteira Sul. 2020.
- 58 SALLES, Bruna. A Disneylândia das gordas: o Pop Plus e as feiras de moda plus size no Brasil. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 38–55, 2021.
- 59 SANTOS, Cristina Oliveira Dos. **Uma netnografia sobre práticas alimentares e bulimia entre jovens mulheres no cyberspaço**. 2016. Dissertação. Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.
- 60 SANTOS, João Batista Nascimento dos. Vivendo em um corpo real e desejando formas ideais: a publicidade e o corpo não hegemônico no contexto neoliberal e a relação com as subjetivações conservadoras. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. 2020.
- 61 SANTOS, Jussara Belchior. Breves relatos de uma bailarina gorda, **DAPesquisa**, v. 15, p. 1–15, 2020.
- 62 SCAGLIUSI, Fernanda Baeza *et al.* “Before I Saw a Gas Canister, Now I See a Person”: Post Obesity-Intervention Body Acceptance and Responses to Weight Stigma among Urban Brazilian Gorda Women, **Human organization**, v. 79, n. 3, p. 176–191, 2020.

- 63 SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, v. 11, n. 25, p. 68, 2008.
- 64 SILVA, Barbara Leone; CANTISANI, Jacobina Rivas. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. **Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde**, v. 13, n. 2, 2018.
- 65 SILVA, Claudia Valéria Cardim da; DESLANDES, Suely Ferreira. O sofrimento da pessoa gorda na busca de cuidados à saúde: relatos de um ativista do Youtube contra gordofobia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e256101421911, 2021.
- 66 SILVA, Milena Oliveira da; BRANCO, Angela Uchoa. Obesity, Prejudice, Self, and Culture: A Longitudinal Case Study, **Paidéia**, v. 29, p. e2926, 2019.
- 67 SILVA, Milena Oliveira da. **Corpo, cultura e obesidade**: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- 68 SILVA, Luis Pereira. “É o meu Corpo que Sustenta as Minhas Ideias”: corpo, comida e saúde na voz da militância Gorda. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e informação da UFRGS. 2019
- 69 SILVESTRE, Viviane Pires Viana; SOARES, Wilker Ramos; SABOTA, Barbra. Corpos gordos (In)visibilizados na Linguística Aplicada. **Raído**, v. 14, n. 36, p. 444–464, 2020.
- 70 SOARES, Maria Thereza Gomes de Figueiredo; FEITOSA, Márcia Manir Miguel; FERREIRA JUNIOR, José. Um olhar sobre a fotografia feminista brasileira contemporânea. **Estudos feministas**, v. 26, n. 3, p. 1–20, 2018.
- 71 SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, 2021.
- 72 TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro de; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. A lipofobia nos discursos de mulheres

- praticantes de exercício físico. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, n. 3, p. 590–601, 2012
- 73 VAZ, Paulo; SANCHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: Corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Lumina**, v. 12, n. 2, p. 99–117, 2018.
- 74 BENITO, Víctor Ballester. Reseña del libro “Transfeminismos-Epistemes, fricciones y flujos”. **Asparkía. Investigació Feminista**, n. 32, p. 152, 2018.
- 75 VIEIRA, L. S. *et al.* Socioeconomic status throughout life and body mass index: a systematic review and meta-analysis. **Cadernos de saúde pública**, v. 35, n. 10, 2019.

Restante do Mundo

- 1 ALBANO, G. *et al.* Interpersonal difficulties in obesity: A systematic review and meta-analysis to inform a rejection sensitivity-based model. **Neuroscience and biobehavioral reviews**, v. 107, p. 846–861, 2019.
- 2 ALBERGA, A. S. *et al.* Weight bias reduction in health professionals: a systematic review. **Clinical Obesity**, v. 6, n. 3, p. 175–188, 2016.
- 3 ALBERGA, Angela S. *et al.* Weight bias and health care utilization: a scoping review. **Primary Health Care Research & Development**, v. 20, p. e116, 2019.
- 4 ALBERGA, AS *et al.* Canadian Senate Report on Obesity: Focusing on Individual Behaviours versus Social Determinants of Health May Promote Weight Stigma. **Journal of obesity**, v. 2018, 2018.
- 5 ALIMORADI, Zainab *et al.* Weight-related stigma and psychological distress: A systematic review and meta-analysis. **Clinical Nutrition**, Edinburgh, Scotland, v. 39, n. 7, p. 2001–2013, 2020.
- 6 ANANTHAKUMAR, Thanusha *et al.* Clinical encounters about obesity: Systematic review of patients’ perspectives, **Clinical Obesity**, v. 10, n. 1, p. e12347, 2020.
- 7 ATA, RN; THOMPSON, JK. Weight Bias in the Media: A Review of Recent Research, **Obesity Facts**, v. 3, n. 1, p. 41–46, 2010.

- 8 BERNARD, Marie *et al.* Does weight-related stigmatisation and discrimination depend on educational attainment and level of income? A systematic review. **BMJ open**, v. 9, n. 11, p. e027673, 2019.
- 9 BIDSTRUP, Hugh *et al.* Internalised weight stigma as a mediator of the relationship between experienced/perceived weight stigma and biopsychosocial outcomes: a systematic review. **International Journal of Obesity**, 2021.
- 10 BOLING, On. Learning to Teach Fat Feminism. **Feminist Teacher**, v. 21, n. 2, p. 110, 2011.
- 11 BRELET, L. *et al.* Stigmatization toward People with Anorexia Nervosa, Bulimia Nervosa, and Binge Eating Disorder: A Scoping Review. **Nutrients**, v. 13, n. 8, 2021.
- 12 BREWIS, A. A. Stigma and the perpetuation of obesity. **Social Science & Medicine**, v. 118, p. 152–158, 2014.
- 13 BROWNE, N. T. *et al.* Childhood obesity within the lens of racism. **Pediatric Obesity**
- 14 CASADÓ-MARÍN, Lina; GRACIA-ARNAIZ, Mabel. “I’m fat and proud of it”: Body size diversity and fat acceptance activism in Spain. **Fat studies**, v. 9, n. 1, p. 51–70, 2020.
- 15 CASSIN, S. E. *et al.* Ethical, Stigma, and Policy Implications of Food Addiction: A Scoping Review. **Nutrients**, v. 11, n. 4, 2019.
- 16 CLAASSEN, M. A. *et al.* A systematic review of psychosocial explanations for the relationship between socioeconomic status and body mass index. **Appetite**, v. 132, p. 208–221, 2019.
- 17 CLARK, O. *et al.* Weight Stigma and Social Media: Evidence and Public Health Solutions. **Frontiers In Nutrition**, v. 8, 2021.
- 18 DANIELSDOTTIR, S; O’BRIEN, KS; CIAO, A. Anti-Fat Prejudice Reduction: A Review of Published Studies. **Obesity Facts**, v. 3, n. 1, p. 47–58, 2010.
- 19 DAUNDASEKARA, S.; ARLINGHAUS, K.; JOHNSTON, C. The Importance of Language in Behavior Change. **American Journal Of Lifestyle Medicine**, v. 13, n. 3, p. 239–242, 2019.

- 20 DEPIERRE, J; PUHL, R. Experiences of Weight Stigmatization: A Review of Self-Report Assessment Measures. **Obesity Facts**, v. 5, n. 6, p. 897–918, 2012.
- 21 DIETERICH, R; DEMIRCI, J. Communication practices of healthcare professionals when caring for overweight/obese pregnant women: A scoping review. **Patient Education And Counseling**, v. 103, n. 10, p. 1902–1912, 2020.
- 22 EHLERT, Chris Rip Marston Fabio Fontana Jennifer Waldron Weight Bias in Schools and How Physical Educators Can Assist in Its Demise. **The Physical Educator**, v. 72, n. 3, 2015. Disponível em: <https://js.sagamorepub.com/pe/article/view/6939>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- 23 FARRELL, E. *et al.* The lived experience of people with obesity: study protocol for a systematic review and synthesis of qualitative studies. **Systematic Reviews**, v. 10, n. 1, 2021.
- 24 **Fat (lip) Tuesday: A multicultural feminist critique of Seattle’s Mardi Gras violence** – ProQuest. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/fffdc8d30730e6e5ac24d6b92b80ae87/1?cbI=33246&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- 25 FISANICK, Christina. “They Are Weighted with Authority”: Fat Female Professors in Academic and Popular Cultures, p. 20, 2022.
- 26 FITZGERALD, Chloë; HURST, Samia. Implicit bias in healthcare professionals: a systematic review. **BMC medical ethics**, v. 18, n. 1, p. 19, 2017.
- 27 FORHAN, M; SALAS, X. R. Inequities in Healthcare: A Review of Bias and Discrimination in Obesity Treatment. **Canadian Journal Of Diabetes**, v. 37, n. 3, p. 205–209, 2013.
- 28 GIEL, K. E. *et al.* Weight Bias in Work Settings - a Qualitative Review. **Obesity Facts**, v. 3, n. 1, p. 33–40, 2010.
- 29 GOAD, E; GLEESON, K; JACKSON, S. Personal factors associated with the attitudes of nurses towards patients with obesity: a literature review. **Clinical Obesity**, v. 8, n. 6, p. 444–451, 2018.
- 30 GRANNELL, A. *et al.* Obesity and responsibility: Is it time to rethink agency? **Obesity Reviews**, v. 22, n. 8, 2021.

- 31 HAQQ, A. M. *et al.* The Complexity and Stigma of Pediatric Obesity. **Childhood Obesity**, v. 17, n. 4, p. 229–240, 2021.
- 32 HARRIS, Mary B. Educating Students about Obesity: An Ounce of Prevention, a Pound of Cure, and a Ton of Prejudice. **Health Education**, v. 14, n. 4, p. 44–46, 1983.
- 33 HARTMAN-MUNICK, S. M.; GORDON, A. R.; GUSS, C. Adolescent body image: influencing factors and the clinician's role. **Current Opinion In Pediatrics**, v. 32, n. 4, p. 455–460, 2020.
- 34 HILL, Andrew J.; RODRIGUEZ LOPEZ, Rocio; CATERSON, Ian D. The relationship between obesity and tertiary education outcomes: a systematic review. **International Journal of Obesity**, v. 43, n. 11, p. 2125–2133, 2019.
- 35 HILL, B; RODRIGUEZ, A. C. I. Weight Stigma across the Preconception, Pregnancy, and Postpartum Periods: A Narrative Review and Conceptual Model. **Seminars In Reproductive Medicine**, v. 38, n. 06, p. 414–422, 2020.
- 36 HILL, Briony *et al.* Weight stigma and obesity-related policies: A systematic review of the state of the literature, **Obesity Reviews: An Official Journal of the International Association for the Study of Obesity**, v. 22, n. 11, p. e13333, 2021.
- 37 JENSEN, S. D. *et al.* Ambivalence and moral dilemmas in women's lived experiences of obesity and pregnancy: Qualitative insights for maternal lifestyle interventions. **Scandinavian Journal Of Caring Sciences**.
- 38 JUNG, Franziska *et al.* Dietitians and Nutritionists: Stigma in the Context of Obesity. A Systematic Review. **PloS One**, v. 10, n. 10, p. e0140276, 2015.
- 39 KAHRASS, H; STRECH, D; MERTZ, M. Ethical issues in obesity prevention for school children: a systematic qualitative review. **International Journal Of Public Health**, v. 62, n. 9, p. 981–988, 2017.
- 40 KORNILAKI, Ekaterina N. Obesity Bias in Children: The Role of Actual and Perceived Body Size: Obesity Bias in Children. **Infant and Child Development**, v. 24, n. 4, p. 365–378, 2015.

- 41 LACROIX, Emilie *et al.* Weight Bias: A Systematic Review of Characteristics and Psychometric Properties of Self-Report Questionnaires. **Obesity Facts**, v. 10, n. 3, p. 223–237, 2017.
- 42 LAWRENCE, B. J. *et al.* Weight bias among health care professionals: A systematic review and meta-analysis. **Obesity**, v. 29, n. 11, p. 1802–1812, 2021.
- 43 LEE, M; ATA, R. N.; BRANNICK, M. T. Malleability of weight-biased attitudes and beliefs: A meta-analysis of weight bias reduction interventions. **Body Image**, v. 11, n. 3, p. 251–259, 2014.
- 44 LI, W.; RUKAVINA, P. A review on coping mechanisms against obesity bias in physical activity/education settings. **Obesity Reviews**, v. 10, n. 1, p. 87–95, 2009.
- 45 MA, Lu *et al.* Bidirectional relationships between weight stigma and pediatric obesity: A systematic review and meta-analysis. **Obesity Reviews: an official journal of the international association for the study of obesity**, v. 22, n. 6, p. e13178, 2021.
- 46 MASON, T. B.; SMITH, K. E.; LAVENDER, J. M. Stigma control model of dysregulated eating: A momentary maintenance model of dysregulated eating among marginalized/stigmatized individuals. **Appetite**, v. 132, p. 67–72, 2019.
- 47 MASTROCOLA, M. R. *et al.* Obesity education in medical schools, residencies, and fellowships throughout the world: a systematic review. **International journal of obesity**, v. 44, n. 2, p. 269–279, 2020
- 48 MCMULLAN, Megan; MILLAR, Rachel; WOODSIDE, Jayne V. A systematic review to assess the effectiveness of technology-based interventions to address obesity in children. **BMC pediatrics**, v. 20, n. 1, p. 242, 2020.
- 49 MIYAIRI, Maya. Fat bias and weight-related teasing prevention among adolescents, p. 24,
- 50 NAGPAL, TS *et al.* Summarizing recommendations to eliminate weight stigma in prenatal health care settings: A scoping review. **Patient education and counseling**, v. 103, n. 11, p. 2214–2223, 2020.

- 51 NAKAI, Yoshikatsu; NIN, Kazuko; GOEL, Neha J., The changing profile of eating disorders and related sociocultural factors in Japan between 1700 and 2020: A systematic scoping review, **The International Journal of Eating Disorders**, v. 54, n. 1, p. 40–53, 2021.
- 52 NICHTER, Mimi. **Fat talk: What girls and their parents say about dieting**, Cambridge, MA, US: Harvard University Press, 2000.
- 53 NUTTER, Sarah *et al.* Weight Bias in Educational Settings: a Systematic Review. **Current Obesity Reports**, v. 8, n. 2, p. 185–200, 2019.
- 54 OLVERA, Norma *et al.* Pathways for Disordered Eating Behaviors in Minority Girls: The Role of Adiposity, Peer Weight-Related Teasing, and Desire to Be Thinner. **The Journal of Early Adolescence**, v. 37, n. 3, p. 367–386, 2017.
- 55 PALAD, C. J.; YARLAGADDA, S.; STANFORD, F. C. Weight stigma and its impact on paediatric care. **Current opinion in endocrinology diabetes and obesity**, v. 26, n. 1, p. 19–24, 2019.
- 56 PANZA, G. A. *et al.* Weight bias among exercise and nutrition professionals: a systematic review. **Obesity Reviews**, v. 19, n. 11, p. 1492–1503, 2018.
- 57 PAPADOPOULOS, Stephanie; BRENNAN, Leah. Correlates of weight stigma in adults with overweight and obesity: A systematic literature review, **Obesity**, v. 23, n. 9, p. 1743–1760, 2015.
- 58 PAPADOPOULOS, Stephanie; DE LA PIEDAD GARCIA, Xochitl; BRENNAN, Leah. Evaluation of the psychometric properties of self-reported weight stigma measures: A systematic literature review, **Obesity Reviews: An Official Journal of the International Association for the Study of Obesity**, v. 22, n. 8, p. e13267, 2021.
- 59 PASLAKIS, Georgios *et al.* Implicit bias to food and body cues in eating disorders: a systematic review, **Eating and weight disorders: EWD**, v. 26, n. 5, p. 1303–1321, 2021.
- 60 PEARL, R. L.; PUHL, R. M. Weight bias internalization and health: a systematic review. **Obesity Reviews: An Official Journal of the International Association for the Study of Obesity**, v. 19, n. 8, p. 1141–1163, 2018.

- 61 PEARL, R. L.; WADDEN, T. A.; JAKICIC, J. M. Is weight stigma associated with physical activity? A systematic review. **Obesity**, v. 29, n. 12, p. 1994–2012, 2021.
- 62 PHELAN, S. M. An update on research examining the implications of stigma for access to and utilization of bariatric surgery. **Current Opinion in Endocrinology Diabetes and Obesity**, v. 25, n. 5, p. 321–325, 2018.
- 63 PUHL, Rebecca M. What words should we use to talk about weight? A systematic review of quantitative and qualitative studies examining preferences for weight-related terminology. **Obesity Reviews: An Official Journal of the International Association for the Study of Obesity**, v. 21, n. 6, p. e13008, 2020.
- 64 PUHL, Rebecca M.; LUEDICKE, Joerg; HEUER, Cheslea, Weight-Based Victimization Toward Overweight Adolescents: Observations and Reactions of Peers, **Journal of School Health**, v. 81, n. 11, p. 696–703, 2011.
- 65 PUHL, R. M.; LATNER, J. D. Stigma, obesity, and the health of the nation's children. **Psychological Bulletin**, v. 133, n. 4, p. 557–580, 2007.
- 66 RAFFOUL, A; WILLIAMS, L. Integrating Health at Every Size principles into adolescent care. **Current Opinion in Pediatrics**, v. 33, n. 4, p. 361–367, 2021.
- 67 REAS, D. L. Public and Healthcare Professionals' Knowledge and Attitudes toward Binge Eating Disorder: A Narrative Review. **Nutrients**, v. 9, n. 11, 2017.
- 68 RICH, Emma; MONAGHAN, Lee F.; BOMBAK, Andrea E. A discourse analysis of school girls engagement with fat pedagogy and critical health education: rethinking the childhood 'obesity scandal'. **Sport, Education and Society**, v. 25, n. 2, p. 127–142, 2020.
- 69 ROBINSON, E *et al.* Self-perception of overweight and obesity: A review of mental and physical health outcomes. **Obesity Science & Practice**, v. 6, n. 5, p. 552–561, 2020.
- 70 RODGERS, R. F.; CAMPAGNA, J.; ATTAWALA, R. Stereotypes of physical attractiveness and social influences: The heritage and vision of Dr. Thomas Cash, **Body Image**, v. 31, p. 273–279, 2019.

- 71 RUGGS, EN *et al.* Assessment of Weight Stigma. **Obesity Facts**, v. 3, n. 1, p. 60–69, 2010.
- 72 SARWER, DB *et al.* Role of weight bias and patient-physician communication in the underutilization of bariatric surgery. **Surgery for Obesity and Related Diseases**, v. 17, n. 11, p. 1926–1932, 2021.
- 73 SIKORSKI, C *et al.* Weight Stigma “Gets Under the Skin”-Evidence for an Adapted Psychological Mediation Framework-A Systematic Review. **Obesity**, v. 23, n. 2, p. 266–276, 2015.
- 74 SIKORSKI, Claudia *et al.* The stigma of obesity in the general public and its implications for public health - a systematic review, **BMC public health**, v. 11, p. 661, 2011.
- 75 STEWART, S. J. F.; OGDEN, J. What are weight bias measures measuring? An evaluation of core measures of weight bias and weight bias internalization. **Health Psychology Open**, v. 8, n. 2, 2021.
- 76 STEWART, Terah J. About Fat Campus. **About Campus: Enriching the Student Learning Experience**, v. 23, n. 4, p. 31–34, 2018.
- 77 SUKHERA, J *et al.* The Implicit Association Test in health professions education: A meta-narrative review, **Perspectives on Medical Education**, v. 8, n. 5, p. 267–275, 2019.
- 78 SZWIMER, Erica *et al.* The Association Between Weight-Based Teasing from Peers and Family in Childhood and Depressive Symptoms in Childhood and Adulthood: A Systematic Review, **Current Obesity Reports**, v. 9, n. 1, p. 15–29, 2020.
- 79 TATUM, Kristina L. *et al.* Parents’ Perceptions of and Responses to School-Based Body Mass Index Screening Programs-A Systematic Review. **The Journal of School Health**, v. 91, n. 4, p. 331–344, 2021.
- 80 TAYLOR, Allison. “Flabulously” femme: Queer fat femme women’s identities and experiences, **Journal of Lesbian Studies**, v. 22, n. 4, p. 459–481, 2018

- 81 TAYLOR, Nicole L. "Guys, She's Humongous!": Gender and Weight-Based Teasing in Adolescence. **Journal of Adolescent Research**, v. 26, n. 2, p. 178–199, 2011.
- 82 TOMIYAMA, A. J. Weight stigma is stressful. A review of evidence for the Cyclic Obesity/Weight-Based Stigma model, **Appetite**, v. 82, p. 8–15, 2014.
- 83 TRONIERI, JS *et al.* Sex Differences in Obesity and Mental Health. **Current Psychiatry Reports**, v. 19, n. 6, 2017.
- 84 VAREA, Valeria; UNDERWOOD, Mair. 'You are just an idiot for not doing any physical activity right now': Pre-service Health and Physical Education teachers' constructions of fatness. **European Physical Education Review**, v. 22, n. 4, p. 465–478, 2016.
- 85 WANNIARACHCHI, V. U. *et al.* A systematic literature review: What is the current stance towards weight stigmatization in social media platforms? **International Journal of Human-Computer Studies**, v. 135, 2020.
- 86 WARNICK, Jennifer L. *et al.* Weight Stigma and Mental Health in Youth: A Systematic Review and Meta-Analysis, **Journal of Pediatric Psychology**, p. jsab110, 2021.
- 87 **Weighing In - Healthy at Any Size? | Learning for Justice**. Disponível em: <https://www.learningforjustice.org/magazine/spring-2012/weighing-in-healthy-at-any-size>. acesso em: 5 jan. 2022.
- 88 WHITE, Francis Ray. 'We're kind of devolving': visual tropes of evolution in obesity discourse, **Critical Public Health**, v. 23, n. 3, p. 320–330, 2013.
- 89 WOOD ALAMEDA, Miriam; WHITEHEAD, James. Comparing Levels of Anti-Fat Bias Between American and Mexican Athletes and Undergraduate Physical Education and Exercise Science Students. **The Physical Educator**, 2015.
- 90 WU, Ya-Ke; BERRY, Diane C. Impact of weight stigma on physiological and psychological health outcomes for overweight and obese adults: A systematic review. **Journal of Advanced Nursing**, v. 74, n. 5, p. 1030–1042, 2018.

- 91 YOURELL, J. L. *et al.* Weight-Talk Between Parents and Adolescents: A Systematic Review of Relationships with Health-Related and Psychosocial Outcomes. **Adolescent research review**, v. 6, n. 4, p. 409–424, 2021.
- 92 ZAROUBI, L; SAMAAAN, T; ALBERGA, A. S. Predictors of Weight Bias in Exercise Science Students and Fitness Professionals: A Scoping Review, **Journal of Obesity**, v. 2021, 2021.
- 93 ZESTCOTT, C. A.; BLAIR, I. V.; STONE, J. Examining the presence, consequences, and reduction of implicit bias in health care: A narrative review, **Group processes & intergroup relations**, v. 19, n. 4, p. 528–542, 2016.